



ENTRE COLUNAS

BIBLIOTECA DIGITAL  
DE PESQUISAS MAÇÔNICAS



***A MAÇÔNICA  
INCONFIDÊNCIA  
MINEIRA***

**Márson Al quAti**

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

© 2019 by Márson Alquati.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Autorizo a reprodução e divulgação total e/ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**FICHA CATALOGRÁFICA**

**G002c3**

Alquati, Márson, 1972 –

***A Maçonica Inconfidência Mineira.*** Márson Alquati – 2019. – Nova Roma do Sul, RS – Entre Colunas: Biblioteca Digital de Pesquisas Maçônicas: História da Maçonaria/A Maçonica História do Brasil.

63 páginas.

1. Maçonaria. 2. História do Brasil. 3. Sociedades Secretas. 4. Inconfidência Mineira. 5. Tiradentes.

**G002c3**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

**Como citar este documento:**

ALQUATI, Márson. *A Maçonica Inconfidência Mineira*. In: História da Maçonaria: A Maçonica História do Brasil. Nova Roma do Sul, RS: Entre Colunas Biblioteca Digital de Pesquisas Maçônicas, 2019. Disponível em: <https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>. Acessado em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_.

Acesse outros trabalhos do autor:

<https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>

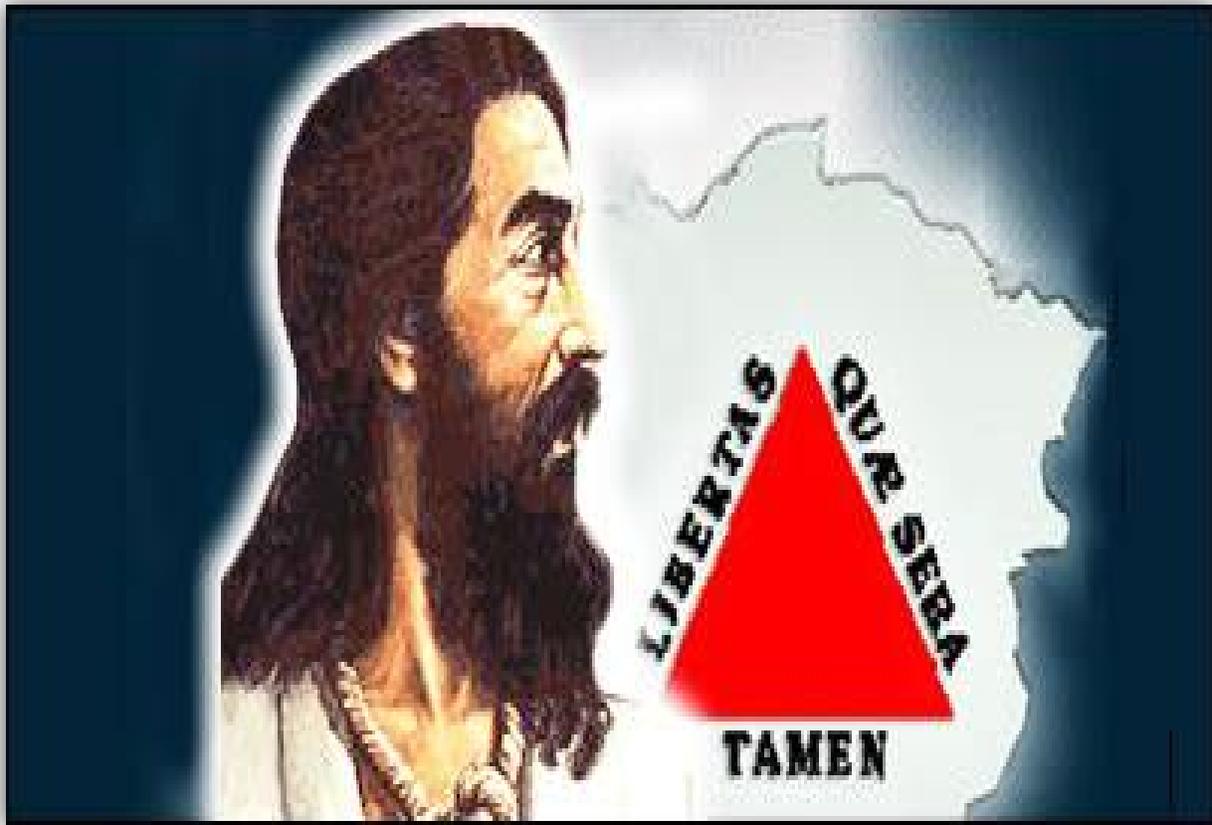
## **SUMÁRIO**

I – A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA.....	04
II – O QUE DIZ A HISTORIOGRAFIA OFICIAL.....	05
III – OS ANTECEDENTES E AS CAUSAS DA REVOLTA.....	06
IV – OS IDEAIS MAÇÔNICOS CHEGAM AO BRASIL.....	11
V – PEDIDO DE AUXÍLIO À THOMAS JEFFERSON.....	14
VI – MAÇONS: OS PRIMEIROS INCONFIDENTES.....	18
VII – AS LOJAS SECRETAS.....	22
VIII – TIRADENTES CONHECE JOSÉ ÁLVARES MACIEL.....	30
IX – TIRADENTES FOI OU NÃO FOI MAÇOM? .....	34
X – A ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO.....	40
XI – OS AUTOS DA DEVASSA.....	42
XII – O MISTÉRIO DO ENCAPUZADO.....	46
XIII – O JULGAMENTO DOS INCONFIDENTES.....	48
XIV – TIRADENTES, O MITO.....	53
XV – A BANDEIRA DOS INCONFIDENTES.....	55
XVI – OS LEGADOS DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA.....	57
XVII – BIBLIOGRAFIA.....	62



# ENTRE COLUNAS

BIBLIOTECA DIGITAL  
DE PESQUISAS MAÇÔNICAS



## ***A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA***

*Pois seja feita a vontade de Deus...*

*Se mil vidas eu tivesse, mil vidas daria pela libertação da minha Pátria!*

[Joaquim José da Silva Xavier – Tiradentes].

## O QUE DIZ A HISTORIOGRAFIA OFICIAL

Antes de adentrarmos ao tema da Inconfidência Mineira propriamente dita, prescinde de intrínseca importância conhecermos o que a Historiografia oficial tem a nos dizer a respeito da participação maçônica na mesma.

Segundo o escritor e pesquisador Arci Tenório D’Albuquerque<sup>1</sup>, a Inconfidência Mineira foi, inquestionavelmente, *“um movimento de caráter maçônico, promovido por maçons e de acordo com os princípios mais elevados da Maçonaria: de luta pela Liberdade, pela Igualdade e pela Fraternidade”*.

Ao que corrobora o historiador não maçom Gustavo Barroso<sup>2</sup>, muitas vezes considerado um ferrenho crítico da Maçonaria, quando afirma que: *“a Maçonaria brasileira entrou em cena durante a Inconfidência Mineira”*.

Já o eminente historiador Manoel Gomes<sup>3</sup> esclarece-nos que *“foi à sombra da bandeira da Maçonaria francesa, ou republicana, que chegaram até nós aquelas novas ideias de liberalismo democrático e, segundo os mais antigos registros, data de 1786, com José Álvares Maciel e outros, o surgimento da Maçonaria no Brasil”*.

E ainda sobre a importância da participação da Maçonaria nos eventos da Inconfidência Mineira e os seus desdobramentos posteriores, o historiador baiano Pedro Calmon<sup>4</sup>, assim se refere:

*“A Maçonaria teve a maior parte das responsabilidades naqueles acontecimentos. Foi o sigilo maçônico a alma da revolução de 1789. Nos mistérios da sua catequese está a razão da coerência, da harmonia, da lógica, da facilidade com que o Brasil, sem comoções anárquicas, sem experiências temerárias, pela persuasão de uma elite ilustre, do obscurantismo até a civilização liberal, através das*

<sup>1</sup> D’ALBUQUERQUE (1972, p.36).

<sup>2</sup> BARROSO (1939, p.172).

<sup>3</sup> GOMES (1975, p.14).

<sup>4</sup> CALMON (1941, p.56-57).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

*vicissitudes do Reinado de D. João VI, das lutas pela emancipação, do Reinado de D. Pedro I e da Regência”.*

Portanto, não resta mais nenhuma dúvida que no final do século XVIII ocorreu no Brasil uma conjuração de cunho separatista motivada pelos abusos cometidos pela Coroa Portuguesa contra a colônia, e que foi diretamente influenciada, senão pela Maçonaria como instituição, por maçons, cuja sucessão de fatos e eventos opta-se, por uma questão puramente analógica, intitular como: “*A Maçônica Inconfidência Mineira*”.

## **OS ANTECEDENTES E AS CAUSAS DA REVOLTA**



O domínio rígido da Metrópole Portuguesa controlava a economia colonial brasileira por meio de um sistema monopolista, usualmente aplicado naquela época de acordo com o contexto do capitalismo comercial então em vigor, fazendo com que a economia do Brasil-Colônia viesse a completar o sistema econômico português, exportando com exclusividade e a preços muito baixos para o Reino de Portugal matérias-primas e gêneros tropicais, enquanto importava produtos manufaturados a preços exorbitantes.

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

Resumindo: o Brasil colonial nada podia produzir em detrimento a qualquer concorrência com a Metrópole Portuguesa. À exceção da produção açucareira, o algodão, o couro do gado abatido, as folhas de tabaco, nada poderia ser manufaturado no Brasil, fato que levou, à época, uma relação de exclusividade denominada “Pacto Colonial”; que a bem da verdade, tratava o desenvolvimento econômico da Colônia, não só pelo abuso dos monopólios; mas, sobretudo, pelo rigor fiscal da Metrópole que buscava uma solução à crise financeira que se instalara em Portugal no decorrer do Século XVIII, pelo fato de que a Coroa Portuguesa não possuía um lastro de capital suficiente para concorrer com o processo de industrialização, já em franco desenvolvimento na Inglaterra.

Nesse sentido, incapaz de implantar o “Capitalismo Comercial”, em oposição ao “Capitalismo Industrial”, Portugal continuava ligado ao mercantilismo e, por consequência, ao regime absolutista.

Em meados do Século XVIII, na Capitania das Minas Gerais, a mineração – grande fonte de sustento para a Metrópole – já se encontrava em decadência, tornando-se, portanto, um alvo da voracidade fiscal e tributária de Portugal.

É oportuno lembrar que a aversão do povo brasileiro ao colonizador português e o rigor do fisco imposto pela Corte já haviam se manifestado nas primeiras décadas do Século em questão, através dos movimentos rebeldes de caráter nativista, a exemplo da Guerra dos Mascates (1710), em Pernambuco e da insurreição de Vila Rica produzida por Filipe dos Santos, em 1720<sup>5</sup>.

Resumindo, no final do século XVIII, o Brasil sofria com abusos políticos e com a cobrança de altas taxas e impostos. Além disso, a metrópole havia decretado uma série de leis que prejudicavam o desenvolvimento industrial e comercial do Brasil, como por exemplo, a lei que proibia o funcionamento de indústrias fabris em território brasileiro.

---

<sup>5</sup> JUK (2015, p.14-15).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

Neste período era grande a extração de ouro, principalmente na região de Minas Gerais. Os brasileiros que encontravam ouro deviam pagar o “quinto” (20%) do ouro aos portugueses. Aqueles que eram pegos com ouro “ilegal” (sem ter pagado o imposto devido) sofriam duras penas, podendo até serem degredados para o território africano.

Conforme o pesquisador Jorge Muniz Barreto<sup>6</sup>, com a grande exploração, o ouro começou a diminuir nas minas. Mesmo assim, as autoridades portuguesas não diminuían as cobranças.

Nesta mesma época, Portugal criou a “Derrama”, que funcionava da seguinte forma: cada região de exploração de ouro deveria pagar 100 arrobas de ouro (1.500 quilos) por ano para a metrópole. Quando a região não conseguia cumprir estas exigências, soldados da Coroa entravam nas casas das famílias para retirar os pertences até completar o valor devido.

Ou seja, até 1750, enquanto as minas davam muito, a Coroa manteve-se na opulência. Quando, porém, a produção caiu, a taxa do “quinto”, assim chamado o tributo de 20% que era cobrado sobre todo ouro extraído, já não satisfazia as exigências da Corte, estabelecendo-se, então, a cobrança fixa de 100 arrobas, ou seja, 1.500 kg de ouro, por ano, qualquer que fosse a produção, como direitos reais pela exploração das minas que eram sua propriedade particular.

A partir de 1762, a arrecadação não mais atingiu a cota fixada, pois as minas, esgotadas, já não produziam ouro bastante. Houve, então, a primeira “Derrama”, processo pelo qual o povo estava obrigado a completar, com os seus próprios recursos, o total dos impostos devido. Na cobrança, os administradores, não poucas vezes, faziam uso da violência para bem cumprir as ordens de Lisboa.

Uma segunda “Derrama” ocorreu entre 1768 e 1771. Dezesete anos depois, em 1788, a Corte exigiu um novo recolhimento, que seria a terceira “Derrama”,

---

<sup>6</sup> BARRETO (2015, p.10).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

esta, com a desculpa de que não havia queda na produção e sim roubo e contrabando do ouro extraído<sup>7</sup>.

Para piorar, dentre outras medidas, o novo Alvará Real determinava a proibição do uso das estradas do interior para o litoral, visando com isso evitar o contrabando e o extravio do ouro extraído; a proibição da entrada de livros estrangeiros que visassem a propagação de ideais liberais no território brasileiro e uma nova “Derrama”, destinada à cobrança de impostos atrasados devidos pelos mineiros à Coroa Portuguesa<sup>8</sup>.

Escreveu Pedro Calmon<sup>9</sup>:

*“A Inconfidência Mineira correspondeu a um reflexo desse estado geral do espírito da Europa. O seu ambiente na capitania do ouro era o mais próprio para o choque imediato, tal o desgosto que ali havia, com o empobrecimento das lavras, o arbítrio dos governadores, e a ameaça da cobrança violenta dos ‘quintos Del Rei’ ou fosse a ‘Derrama’”.*

Ainda sobre isso, o historiador e pesquisador Antônio Torres<sup>10</sup> relata que:

*“O fermento da rebelião continuava latente em Minas, devido à ganância da Metrópole. O sangue do povo era sugado sob as mais variadas formas: dízimos, passagens de rios, direitos de entrada e finalmente os ‘quintos’ sobre o ouro em pó. Se ao menos o governo português empreendesse alguma obra em benefício da capitania, talvez esta se submetesse com relativa docilidade às extorsões da Coroa. Mas, nada! Não havia em Minas, uma única escola pública, nem polícias, nem estradas, nem pontes, nem correios, nada que de longe justificasse, ou pelo menos excusasse a rapina lusitana”.*

E assim, a soma de todas estas atitudes foi provocando uma insatisfação

---

<sup>7</sup> GOMES (1975, p.20).

<sup>8</sup> JUK (2015, p.15).

<sup>9</sup> CALMON (1943, p.405 – vol. III).

<sup>10</sup> TORRES (1925, p.18-19).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

muito grande no povo; e, principalmente, nos fazendeiros e donos de minas que queriam pagar menos impostos e ter mais participação na vida política do país.

Alguns membros da elite brasileira (militares, intelectuais, fazendeiros e donos de minas), claramente influenciados pelas ideias de liberdade e igualdade que vinham do Iluminismo europeu – na maioria das vezes através dos seus filhos, estudantes recém-formados na Europa, principalmente em Portugal, na França e na Inglaterra, e que voltavam para casa – de repente começaram a se reunir para buscar uma solução definitiva para o problema.

E, em determinado momento, já não eram mais somente as elites mineiras, mas também as fluminenses que começavam a dialogar por uma saída.

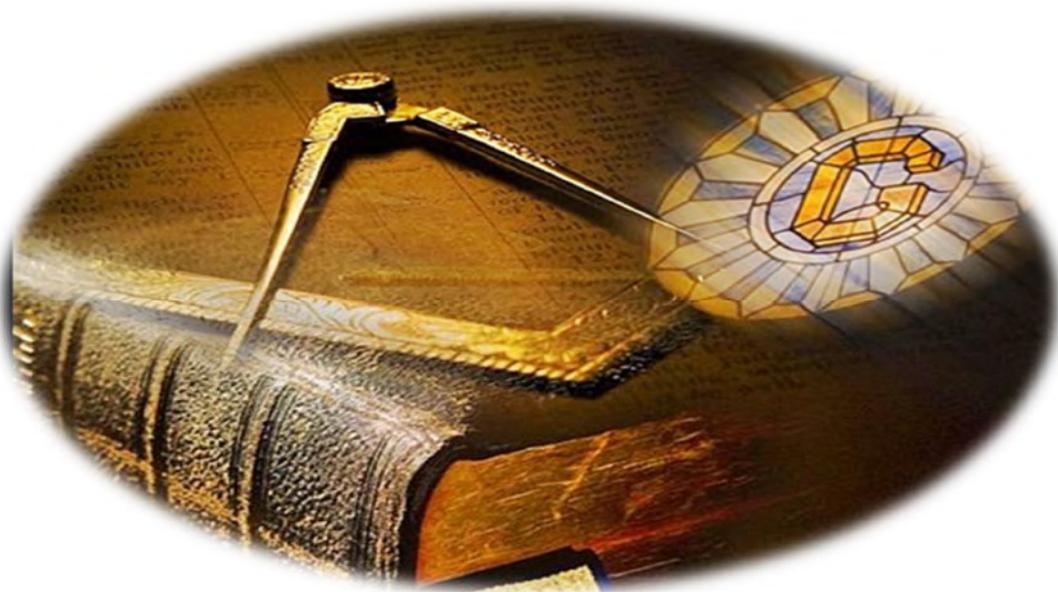
Com relação ao movimento de união entre as elites coloniais mineiras e fluminenses que antecedeu a “Inconfidência Mineira” propriamente dita, vale ressaltar, o que afirma o historiador-militar Márcio Jardim, autor de “*A Inconfidência Mineira – Uma Síntese Factual*”, publicado pela “*Biblioteca do Exército*”, página 334, conforme mencionado por Ivaldo Lobato<sup>11</sup>:

*“José Aires Gomes disse, pouco depois de um encontro com o Alferes, que os homens de negócio do Rio de Janeiro apoiavam o levante porque desejavam liberdade de negócios. Eles queriam o apoio de Minas para fazerem juntos uma América Inglesa. Antônio Ribeiro de Avelar, Antônio Gonçalves Ledo e Antônio Jacinto Machado são os três comerciantes que mais aparecem nos Autos. Note-se que a conduta de um descendente de Antônio Gonçalves Ledo (Joaquim Gonçalves Ledo) no posterior processo da Independência brasileira de 1820-1822 viria a tornar-se fartamente conhecida”.*

---

<sup>11</sup> LOBATO (2015 p.25).

## **OS IDEAIS MAÇÔNICOS CHEGAM AO BRASIL**



O Iluminismo surgiu no fim do século XVII, na Europa e desenvolveu-se ao longo do século XVIII, sendo codificado, estruturado como Doutrina e Filosofia, no final daquele Século. Devido à disseminação do “Iluminismo Filosófico” por toda a Europa, Victor Maria Hugo, fabuloso poeta, dramaturgo, escritor e maçom francês, batizaria aquele século como o “*Século das Luzes*”.

Nomes como John Locke, Bayle, Lessing, Voltaire, Condorcet, Diderot, Helvetius, Holbach, Immanuel Kant, Rousseau, Proudhon e tantos outros maçons iluministas, se dedicaram a um esforço conjunto e consciente de propagação e valorização da “Razão”, abandonando por completo os preceitos tradicionais que até então vigoravam. Com a plena valorização da “Razão”, entraram em campo os defensores da “Plena Liberdade de Pensamento”, do fim do Absolutismo, da igualdade, da liberdade religiosa e de consciência.

E essa corrente do Iluminismo encontrou campo fértil no seio da Maçonaria, que se reestruturava a partir de 1717 e se espalhava pela Europa e Américas como rastilho de pólvora.

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

Apesar do isolamento e do atraso, as ideias revolucionárias do Iluminismo europeu também chegavam ao Brasil, mas geralmente de forma clandestina, em publicações contrabandeadas ou reuniões de sociedades secretas, como a Maçonaria, viajando juntamente com a bagagem trazida pela pequena elite que tivera a oportunidade de estudar na Europa.

Estando o Brasil fechado para outras nações do mundo, tanto no aspecto comercial – por força dos monopólios – bem como no campo cultural, pois até mesmo os livros estavam proibidos, julgava Portugal que nos rincões brasileiros jamais soariam os acordes de liberdade que ameaçavam as monarquias absolutistas europeias, abaladas pelos filósofos iluministas franceses como Rousseau, Voltaire e Montesquieu, maçons cujas ideias falavam de liberdade, igualdade e fraternidade.

Estes ideais tomavam força e vigor pelo exemplo prático da Independência dos Estados Unidos da América, alcançada em 1776, não tardando a encantar a juventude intelectual, sonhadora e visionária que nas Minas Gerais e, mais precisamente em Vila Rica, decidia-se em conquistar a liberdade do Brasil do jugo da Coroa Portuguesa.

Os primeiros passos para esse movimento libertário foram dados ainda na distante Europa, quando o entusiasmo dos estudantes brasileiros, filhos de famílias abastadas e que estudavam nas Universidades europeias de Coimbra, Montpellier e Bordeaux, justamente no calor das ideias liberais que mais tarde inflamariam a Revolução Francesa, fazia com que muitos dos quais se fizessem “Iniciar” na Maçonaria que já há algum tempo era latente nesses espaços<sup>12</sup>.

Nesta época, em Coimbra, doze estudantes brasileiros já haviam organizado uma sociedade para tratar da Independência do Brasil e, em Montpellier, José Joaquim Da Maia, José Mariano Leal e Domingos Vidal Barbosa combinavam

---

<sup>12</sup> JUK (2015, p.15).

projetos visando igual fim.

Mas o recrutamento do elemento capaz de vulgarizar as novas ideias e organizar no Brasil a revolução emancipadora, tão desejada pelos brasileiros em resultado por se verem destituídos de um mínimo de direitos, foi um trabalho necessariamente lento e realizado com toda a cautela, pois a Coroa, alarmada pelo vulto que tomavam na Europa as novas ideias e sentindo ameaçados os fundamentos da monarquia absolutista, exercia severa vigilância<sup>13</sup>.

Assim como da escola baiana passa-se, em literatura, para a escola mineira, em Maçonaria, pula-se das Lojas baianas para as Lojas mineiras. Não que estas constituíssem Lojas Maçônicas com o ritualismo dos nossos dias e nem nos moldes das mesmas. Isso não teria sido possível, porque, devido à forte perseguição do Santo Ofício e a violenta repressão do governo português, nenhum vestígio poderia ser deixado das suas reuniões secretas.

Da mesma forma não se faziam Iniciações ritualísticas como hoje são feitas. A Iniciação era dada por comunicação verbal, transmissão oral dos mistérios da Ordem, nada ficando por escrito. E é fato inegável que a escola literária mineira, que promoveu a conjuração de 1789, justamente no mesmo ano da Revolução Francesa, recebeu forte inspiração maçônica da Universidade de Coimbra. Tanto é que os três poetas líricos dessa conjuração foram formados em Coimbra: Cláudio Manoel da Costa, Tomaz Antônio Gonzaga e Inácio José de Alvarenga Peixoto<sup>14</sup>.

A revolução mineira de 1789 teve igualmente, como as demais revoluções da época, os seus ministros plenipotenciários no exterior, em busca de solidariedade e apoio material para o movimento. Levados por esse entusiasmo, houve estudantes brasileiros formados na França, em Montpellier, que era considerado outro poderoso centro irradiador das ideias iluministas e maçônicas para o mundo, que

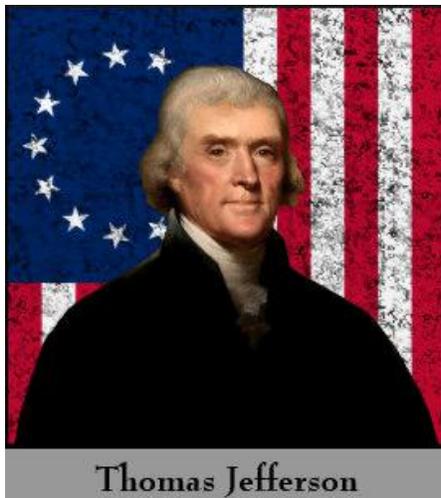
---

<sup>13</sup> GOMES (1975, p.15).

<sup>14</sup> FAGUNDES (1975, p.74).

procuraram entabular negociações para a nossa Independência com potências estrangeiras, como José Joaquim Da Maia, Domingos Vidal Barbosa, José Mariano Leal e José Pereira Ribeiro<sup>15</sup>.

## **PEDIDO DE AUXÍLIO A THOMAS JEFFERSON**



A “*Declaração de Independência*” dos americanos do Norte, escrita por Thomas Jefferson<sup>16</sup>, sintetiza bem as concepções filosóficas da época, conforme o trecho abaixo:

*“São verdades indiscutíveis para nós: – que todos os homens nascem iguais; que a todos concedeu o Criador direitos inalienáveis, entre os quais estão o da vida, liberdade e a busca da felicidade; que os homens, para assegurarem esses direitos, constituíram governos, cujos justos poderes emanam do consentimento dos governados. Que, toda vez que uma forma de governo contraria esses fins, é um direito do povo alterá-la ou aboli-la e instituir um novo governo, baseando seus fundamentos em princípios tais e organizando os seus poderes de tal forma, que a eles pareça contribuir mais eficazmente para a sua segurança e felicidade”.*

---

<sup>15</sup> BARROSO (1939, p.155).

<sup>16</sup> GOMES (1975, p.18).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

Manoel Gomes<sup>17</sup> explica que, tendo isso em vista, José Joaquim Da Maia, estudante da Universidade de Montpellier, onde fez-se maçom em 1786, em carta datada de 20 de outubro daquele mesmo ano, enquanto encontrava-se ainda na França, solicitou o auxílio dos Estados Unidos, ao Ministro e também maçom, daquela nascente República, Thomas Jefferson, para a revolução que, segundo ele, nos levaria à Independência; pedido que foi renovado em 21 de novembro, tendo Jefferson, ao responder a Da Maia, dito que tomava em consideração as duas cartas recebidas e que, para tratarem do assunto, com ele iria encontrar-se pessoalmente.

Neste ponto, há falta de consenso entre os historiadores, pois enquanto uma vertente afirma ter sido uma única carta<sup>18</sup> datada de 20 de outubro, outros divergem alegando que foram várias as correspondências enviadas por José Joaquim Da Maia a Thomas Jefferson no período compreendido entre 02 de outubro de 1786 e 05 de janeiro de 1787.

Morivalde Calvet Fagundes<sup>19</sup> afirma terem sido três as cartas, escritas em francês, cujas cópias descansam hoje na seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional.

Também seguindo por essa linha de pensamento, Arci Tenório D’Albuquerque<sup>20</sup> enfatiza que com o pseudônimo de “*Vendek*”, Da Maia dirigiu-se em 02 e em 16 de outubro, em 26 de dezembro de 1786 e em 05 de janeiro de 1787, por cartas, a Thomas Jefferson, à época, Ministro dos Estados Unidos na França, solicitando-lhe uma intercessão no sentido de seu país apoiar o movimento emancipador brasileiro.

Porém, todos concordam ter existido de fato essa troca de correspondência. E igualmente que Thomas Jefferson atendeu ao pedido de José Joaquim Da Maia

---

<sup>17</sup> GOMES (1975, p.15).

<sup>18</sup> Ver “ANEXO 01: Carta de Joaquim Da Maia à Jefferson”.

<sup>19</sup> FAGUNDES (1975, p.75).

<sup>20</sup> D’ALBUQUERQUE (1972, p.43-44).

para a marcação de uma entrevista.

De acordo com D’Albuquerque<sup>21</sup>:

*“[...] estava Jefferson de viagem aprazada para a cidade de Aix, na Provença, famosa pelas suas águas. Dispôs-se em meio da jornada, a desviar-se sob pretexto de ir contemplar as ruínas romanas de Nîmes, e foi ao encontro de José Joaquim Da Maia. Assim, em meio às ruínas históricas, realizou-se o primeiro contato entre os dois Irmãos”.*

Apesar de tudo, infrutíferos foram os esforços de Joaquim Da Maia para persuadir o diplomata norte-americano a assegurar auxílio aos empreendimentos dos inconfidentes. Thomas Jefferson ponderou que não dispunha de instruções do seu governo, de sorte que lhe era, de todo modo, impossível manifestar-se a respeito. Asseverou, porém, que se vitorioso, o movimento emancipador seria acolhido com simpatia nos EUA<sup>22</sup>.

Em seguida, Thomas Jefferson remeteu ao seu país um pormenorizado relatório de sua conversa com Da Maia, onde fez um interessantíssimo estudo da situação do Brasil na época e das vantagens e desvantagens que haveria em uma guerra com Portugal e Espanha. Consta do dito documento que o Brasil possuía então, o mesmo número de habitantes que Portugal; havia vinte mil homens de tropas regulares, onde a maior força era de brasileiros; seu valor militar era indubitável e conheciam as manobras, mas eram ignorantes na ciência da guerra; o sacerdócio, em parte português, em parte brasileiro, não parecia tomar partido na contenda; a nobreza era bastante liberal; os intelectuais é que mais desejavam a revolução; o povo não era muito influído pelos padres, e possuía armas das quais costumavam servir-se para caçar; pelo que dizia respeito à revolução, não havia mais do que um pensamento em todo o país, mas faltava aparecer uma pessoa plenamente capaz de dirigi-la, sem o auxílio de uma nação poderosa; não havia

---

<sup>21</sup> D’ALBUQUERQUE (1972, p.48).

<sup>22</sup> D’ALBUQUERQUE (1972, p.51).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

imprensa; o Rio de Janeiro, como Capital, contava com cinquenta mil habitantes; tanto Salvador, a antiga metrópole, como as Minas de Ouro (Minas Gerais) propendiam para a revolução; os brasileiros consideravam a revolução da América do Norte de 1776 como precursora da que eles desejavam, e dos EUA esperavam todo o socorro<sup>23</sup>.

Todavia, há um pormenor de real importância que não podemos ignorar: na primeira carta a Thomas Jefferson, Joaquim Da Maia solicitou que a resposta do Ministro dos Estados Unidos fosse dirigida a Mr. Vigaron, Conselheiro do Rei da França e professor na Universidade de Montpellier.

Por que essa indicação? Por que o estudante carioca envolveria em tão grave assunto um professor da Universidade? Por que lhe depositava tal confiança, a ponto de fazer dele um intermediário?

Segundo D'Albuquerque<sup>24</sup>, eis a resposta:

*“FRATERNIDADE... Pois que na Universidade de Montpellier funcionavam várias Lojas Maçônicas, inclusive uma, constituída em sua maioria por professores. Talvez um deles fosse o professor Vigaron, irmão maçônico de José Joaquim Da Maia”.*

Em 1786, na Europa, antes de Tiradentes, portanto, José Joaquim Da Maia já tratava da emancipação do Brasil e de modo prático, procurando conseguir o auxílio dos Estados Unidos, que seria decisivo caso a revolução descambasse para o confronto armado.

Mas por uma fatalidade do destino, José Joaquim Da Maia e Barbalho viria a falecer em Portugal, quando se preparava para regressar ao Brasil. Entretanto, os seus companheiros José Álvares Maciel e Domingos Vidal Barbosa, de regresso

---

<sup>23</sup> FAGUNDES (1975, p.75-76).

<sup>24</sup> D'ALBUQUERQUE (1972, p.58).

ao Brasil, viriam a se instalar em Vila Rica; e a partir de 1788 passariam a arrebanhar adeptos no sentido de impulsionar a ideia de um Brasil independente<sup>25</sup>.

Também se faz digno de nota que este episódio jamais teria qualquer registro na História, caso não tivesse ocorrido a “Inconfidência Mineira”, pois José Joaquim Da Maia, na época, encontrava-se na França, de modo que o encontro ocorrido entre ele e Thomas Jefferson poderia simplesmente nunca ter atravessado o oceano.

Vendek, como também era conhecido Da Maia, morreu no ano seguinte a esse encontro, antes de conseguir voltar para o Brasil, mas as suas ideias não, de modo que seriam revisitadas de tempos em tempos, estando por trás da maioria dos movimentos libertários que ainda aconteceriam no país como a “Inconfidência Mineira”, a “Revolta dos Alfaiates” na Bahia, a “Revolução Pernambucana” e a própria “Independência do Brasil”, além de movimentos posteriores como a “Confederação do Equador” e a “Revolução Farroupilha”.

Foi Domingos Vidal Barbosa, outro destacado maçom, que ao retornar da Europa, onde estudava, aqui se encontrou com José Resende Costa Filho, e lhe disse haver regressado ao Brasil porque em breve haveria em Minas Gerais um movimento libertário e que, vitorioso, o novo governo providenciaria logo a criação de uma universidade em Vila Rica, onde então concluiria os seus estudos. E mais, que José Joaquim Da Maia falara com Thomas Jefferson, Ministro americano na França, a quem solicitara o auxílio de seu país para a revolução<sup>26</sup>.

## **MAÇONS: OS PRIMEIROS INCONFIDENTES**

Muitos outros inconfidentes eram maçons e, como tal, empenharam-se na luta pela conquista da liberdade contra a tirania.

---

<sup>25</sup> JUK (2015, p.15).

<sup>26</sup> GOMES (1975, p.15-16).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

A França, grande foco de reação incontida contra a opressão, foi o ambiente propício e incentivador encontrado pelos nossos patrícios para pensar na liberdade do Brasil, para planejar a quebra dos grilhões que escravizavam os brasileiros, para fazer cessar a exploração ladravaz, a extorsão desbragada dos portugueses contra os mineiros. Naquela época, cada Loja Maçônica, na França – e lá existiam centenas – era um reduto vigoroso de pregação da liberdade. Nas Lojas francesas planejava-se a Revolução Francesa (1789). Milhares de franceses e de estrangeiros, das mais altas camadas sociais, integravam os quadros da Maçonaria. Tanto era assim, que lá se realizou o encontro de Thomas Jefferson e José Joaquim Da Maia, ambos maçons<sup>27</sup>.

José Álvares Maciel, formado pela Universidade de Coimbra em Filosofia, foi um dos doze estudantes brasileiros que em Coimbra, durante uma reunião maçônica, assumiram, sob juramento, o compromisso de empregarem todos os recursos possíveis para alcançarem a Independência do Brasil<sup>28</sup>.

Quanto à iniciação maçônica de José Álvares Maciel, o historiador Joaquim Norberto de Souza Silva<sup>29</sup> relata que *“vinha o jovem Maciel de países livres, onde adquirira rara instrução e onde fora Iniciado nos mistérios da Maçonaria”*.

E sobre os contatos de José Álvares Maciel com a Maçonaria, Augusto de Lima Júnior<sup>30</sup> escreveu o seguinte:

*“Em 1784, José Álvares Maciel recebia o grau em Coimbra, partindo para a França e Inglaterra, sendo certo que se demoraria em Montpellier por largo tempo. Andavam em moda as Lojas Iluminadas, centros secretos de reuniões onde as doutrinas da liberdade e melhoria nas condições de vida para a espécie humana constituíam a preocupação principal dos espíritos. [...] Em Coimbra o movimento*

---

<sup>27</sup> D'ALBUQUERQUE (1972, p.21).

<sup>28</sup> GOMES (1975, p.16).

<sup>29</sup> SILVA (1948, p.81).

<sup>30</sup> LIMA (1955, p.74).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

*iluminista ia em franco progresso; e na França, núcleo de expansão do movimento, Maciel ligou-se aos outros brasileiros que lá estudavam, filiados às Lojas Maçônicas; e quase todos acabaram figurando nas páginas das ‘Devassas da Inconfidência’ de Minas Gerais em 1789”.*

Daí depreende-se que José Álvares Maciel, diplomado pela Universidade de Coimbra, onde foi Iniciado na Maçonaria, de Lisboa viajou para Montpellier e Londres, onde recolheu tudo o que pode sobre a revolução norte-americana para trazer ao Brasil. Tal fato pode ser comprovado através de uma simples análise em seu depoimento nos “Autos da Devassa”.

Destarte, o regresso de Álvares Maciel veio dar alento à ideia de ser possível efetuar-se na província de Minas Gerais, e com bom êxito, um levante, se o governador, Visconde de Barbacena, intentasse executar as ordens que trazia da Corte Portuguesa de cobrar, por meio de uma “Derrama” geral, grandes impostos devidos ao tributo do ouro<sup>31</sup>.

Idealista, homem culto, Álvares Maciel viu que bem se consorciava o seu espírito com os altos objetivos da Maçonaria. Os princípios de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” da Maçonaria foram não só aceitos como cultivados por Álvares Maciel, como todos os demais americanos que acariciavam o sonho de libertar a Pátria e que foram a Londres, José Álvares Maciel deve ter visitado, como maçom que era, a Loja “Grande Reunião Americana”, fundada pelo imortal maçom venezuelano Francisco Miranda, precursor da Independência de todas as colônias espanholas latino-americanas. E mais, ele deve ter estado em contato com o próprio Francisco Miranda, o que certamente o entusiasmou ainda mais. É de se presumir que Álvares Maciel, por intermédio dos maçons ingleses, houvesse procurado conseguir, sem sucesso, o apoio da Inglaterra para o movimento emancipador brasileiro, já que quem conhece a história da Inglaterra sabe de sobejo que esse

---

<sup>31</sup> GOMES (1975, p.16).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

país nunca auxiliou outro senão para beneficiar-se. À Inglaterra não convinha a Independência do Brasil porque era aliada de Portugal e porque bem sabia que, uma vez libertos, os brasileiros tratariam de desenvolver as suas próprias indústrias, inclusive a de tecidos e passariam a comprar-lhe menos<sup>32</sup>.

Então é correto afirmar que antes de regressar ao Brasil, Álvares Maciel foi a Londres. Mas por quê? Entre outras razões, porque lá estava funcionando a Loja “Grande Reunião Americana”, fundada pelo glorioso mártir Francisco Miranda, o grande precursor da Independência dos povos americanos, cujo trabalho de alta valia e contribuição extraordinária, como centro congregador dos patriotas sul-americanos e elemento coordenador da luta pela emancipação das colônias ibero-americanas, haja vista a simultaneidade dos movimentos na Venezuela e na Argentina<sup>33</sup>.

Os estudiosos da nossa História também são acordes em reconhecer em José Álvares Maciel, o intelectual por trás da “Inconfidência Mineira”, da mesma forma como se torna imprescindível considerar que Álvares Maciel, Domingos Vidal Barbosa, José Joaquim Da Maia e outros mais tinham sido Iniciados na Maçonaria, enquanto estudavam na Europa.

Segundo Manoel Gomes<sup>34</sup>, Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Inácio Alvarenga Peixoto foram outros inconfidentes Iniciados na Maçonaria, enquanto ainda eram estudantes em Coimbra.

E é dentre este grupo que surgirá, mais tarde, a figura do alferes Joaquim José da Silva Xavier, cuja alcunha de “Tiradentes” viria a se constituir, mais tarde, como figura principal e “Mártir da Independência”<sup>35</sup>.

<sup>32</sup> D'ALBUQUERQUE (1972, p.85-86).

<sup>33</sup> D'ALBUQUERQUE (1972, p.187).

<sup>34</sup> GOMES (1975, p.17).

<sup>35</sup> JUK (2015, p.15).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

Os principais líderes e mentores intelectuais dos inconfidentes (todos maçons) foram<sup>36</sup>:

**Padre José da Silva de Oliveira Rolim** – homem abastado e de rara cultura, foi uma das figuras de maior atuação e valor na “Inconfidência Mineira”.

**Cláudio Manoel da Costa** – poeta, nasceu em Mariana, MG, no ano de 1729. Acusado de participação na conjuração, foi preso e, ao que parece, suicidou-se.

**Inácio José de Alvarenga Peixoto** (1744 - 1793) – poeta, nasceu no Rio de Janeiro, em 1744. Comprometido na conjuração, foi condenado ao desterro na África, onde morreu em 1793. Pertence-lhe a proposição para legenda da bandeira revolucionária a frase: “*LIBERTAS QUAE SERA TAMEN*”.

**Tomás Antônio Gonzaga** (1744 – 1809) – poeta, nasceu em Miraguaia, Portugal em 1744. Morreu na África, desterrado, em 1809.

## AS LOJAS SECRETAS



Na época era considerado criminoso ser maçom. Bastava ter livros de autores franceses ou escritos em francês ou possuir uma cópia da “Constituição dos Estados Unidos” para que um cidadão fosse perseguido, preso e processado por alta traição.

<sup>36</sup> GOMES (1975, p.18-19):

*A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA*

O papel da Santa Inquisição em países como Portugal e Espanha, onde o Santo Ofício se utilizou deste flagelo como instrumento de controle social e ideológico, fez com que nos países latinos, a Maçonaria tomasse o caráter de uma instituição semiclandestina e muitas vezes, secreta, empenhada em fazer propaganda política de oposição, de cunho liberal e anticlerical, embora muitos membros da Igreja dela viessem a fazer parte no futuro.

E a Maçonaria brasileira da época, por ser clandestina e secreta, por força das leis e da própria ignorância do povo, não tinha liberdade para promover reuniões em locais conhecidos nem tampouco registrá-las em qualquer tipo de ata, tendo sido destruída a pouca documentação existente, por ser considerada comprometedora.

As reuniões maçônicas, portanto, eram realizadas em prédios residenciais, com pretexto de reuniões familiares, onde os maçons discutiam os mais variados assuntos, principalmente as ideias de liberdade e de igualdade.

Nada podia ser escrito, pois o relato de uma reunião poderia se transformar na confissão de um crime geralmente punido com pesadas penas.

Dessa forma é possível concluir, mesmo sem ter acesso a fontes documentais explícitas, que os inconfidentes, em sua maioria, para não dizer todos, foram maçons ativos e membros de Lojas mineiras que, em geral funcionavam na clandestinidade das residências de seus membros.

Assim, é perfeitamente possível deduzir que as reuniões, onde se tramaram o movimento de libertação das minas tenham acontecido em locais improvisados e não em Lojas legalmente estabelecidas, até pelo simples fato de não existir, na época, uma Maçonaria com Lojas regulares e legalmente constituídas no Brasil, o que não era permitido, nem mesmo na metrópole.

Não se justifica, portanto, afirmar o contrário, somente porque não existe do-

cumentação histórica da época que possa comprovar a existência de Lojas “formalmente constituídas”<sup>37</sup>.

Segundo o historiador Morivalde Calvet Fagundes<sup>38</sup>:

*“De regresso ao Rio, José Álvares Maciel encontra-se com Tiradentes, que a esta altura era o dínamo da revolução. O Alferes estava de licença. Maciel coloca-o a par da sua missão na Europa e do alvoroço que havia por lá, sobretudo na França. Estava-se a um ano da Grande Revolução Francesa. A ‘Declaração de Direitos do Homem’ e a ‘Constituição Americana’ foram passadas para Tiradentes. Neste momento, se o protomártir da nossa Independência porventura ainda não fosse maçom, Maciel lhe teria, forçosamente, transmitido sinais, toques e palavras”.*

Quanto à polêmica e controversa questão de se Tiradentes foi ou não maçom, o que gera ainda hoje muitas discordâncias entre os estudiosos do assunto, a mesma será tratada de forma mais abrangente ainda neste trabalho.

Voltando ao tema, de acordo com o que atesta o historiador Antônio Augusto Aguiar<sup>39</sup>, foi depois disso que Álvares Maciel, sempre fiel ao seu papel de grande disseminador intelectual do movimento, foi a Minas Gerais e a São Paulo para “fundar novas Lojas Maçônicas”. Ainda segundo o citado autor, Tiradentes acompanhou-o até Vila Rica, onde, entre outros, os dois conseguiram, através da força da argumentação, a adesão do Tenente-Coronel Francisco de Paula Freire de Andrade ao movimento, o qual era na época, comandante da tropa paga da Capitania de Minas Gerais.

Assim, partindo de Tomaz Antônio Gonzaga e de José Álvares Maciel, as iniciativas para arregimentação de adeptos à causa, contaram com a fundação de Lojas secretas em Minas Gerais, Rio de Janeiro e em São Paulo, onde se faziam

---

<sup>37</sup> CASTRO (2013, p.2-3).

<sup>38</sup> FAGUNDES (1975, p.76).

<sup>39</sup> AGUIAR (1896).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

reuniões e traçavam-se os planos para a rebelião. Naturalmente, essas Lojas, apesar de reunirem somente maçons não tinham o título de Lojas Maçônicas. Eram sociedades literárias, academias, areópagos e arcádias, como afirmado pelo historiador Antônio Augusto de Aguiar<sup>40</sup>:

*“[...] organizou Álvares Maciel, sociedades em Minas, Rio de Janeiro e São Paulo, com intuito de, por meio delas, fazer a propaganda das ideias e preparar elementos, que na hora oportuna, fizessem a revolução”.*

Assertiva confirmada pelo também historiador Gustavo Barroso<sup>41</sup>:

*“Em Vila Rica, sede do governo da capitania, havia uma roda de homens cultos, participantes de uma ‘arcádia literária’, a qual facilmente se tornaria o centro diretor de qualquer movimento de ideias a se objetivar em ação. Tornou-se, com efeito, e envolto em tanto mistério, que mal sabiam os próprios conjurados, do que nela se tratava e nem ao certo, as pessoas que a compunham”.*

Mário Melo<sup>42</sup>, por sua vez, elucida que em Minas Gerais, a Pátria da Inconfidência, não se pode afirmar que havia Lojas Maçônicas oficialmente constituídas, *“[...] mas é certo que o Dr. José Álvares Maciel era Iniciado em seus mistérios e as relações entre os inconfidentes – chefes espirituais do movimento – e Thomas Jefferson – grande espírito independente dos Estados Unidos – nos levam a crer que os nossos patrícios do Sul aprenderam a ser republicanos nos fundos de uma oficina Maçônica”.*

Já Tenório D’Albuquerque<sup>43</sup> é bastante enfático ao sugerir que:

*“É fora de dúvida que, em Minas, foram fundadas Lojas Maçônicas, sobretudo por iniciativa de estudantes brasileiros de retorno da Europa. Regressavam eles empolgados pela ação humanitária e fraternal desenvolvida pela Maçonaria na*

---

<sup>40</sup> AGUIAR (1896, pág. 7).

<sup>41</sup> (BARROSO, 1939).

<sup>42</sup> MELO (1912, p.24).

<sup>43</sup> D’ALBUQUERQUE (1972, p.93).

## A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA

*Europa, no sentido de assegurar os direitos que dignificam o homem, na defesa indômita da liberdade dos povos”.*

Ao que o referido autor reitera<sup>44</sup>:

*“O Dr. José Álvares Maciel era maçom convicto. Ele deve ter compreendido que o seu grande ideal patriótico, a emancipação do Brasil, só poderia ser concretizado através da Maçonaria. E por quê? Porque a Maçonaria era o poderoso centro difusor da Liberdade, o maior incentivador da luta pela emancipação dos povos. Diante do exposto, não há porque duvidar que José Álvares Maciel tratou de fundar e de instalar Lojas Maçônicas no Brasil, ou de contribuir para a sua instalação. É evidente que, dado o regime opressivo de então em que os brasileiros viviam desprovidos de direitos, José Álvares Maciel não podia dar às suas fundações o título de Lojas Maçônicas. Eram ‘academias’, ‘areópagos’, etc. Um recurso para escapar à fúria dos esbirros policiais, à sanha feroz dos governadores e demais autoridades portuguesas, cujos desmandos não conheciam limites”.*

E mesmo o historiador reconhecidamente antimaçônico Gustavo Barroso<sup>45</sup> admite, citando parte da denúncia de José Bernardo Frade efetuada no Rio de Janeiro, cerca de um ano após a execução de Tiradentes:

*“[...] era costume reunir-se uma ‘academia’, a qual, depois de ser proibida pelo vice-rei, passou a realizar assembleias particulares. Concorriam a esses conciliábulos bacharéis, médicos, professores. Entre eles o cristão-novo Amarante, boticário, nos fundos de cuja botica se realizavam as ‘sessões maçônicas’ em que se liam papéis na língua francesa e que tratavam da Revolução da França, e haviam vários discursos sobre liberdade, sobre os quais fizeram os mesmos assistentes várias reflexões tendentes a fazer odiosas as monarquias, mostrando grande paixão contra elas e inclinação às repúblicas, encarecendo a felicidade*

<sup>44</sup> D’ALBUQUERQUE (1972, p.93-94).

<sup>45</sup> BARROSO (1939, p.169-170).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

que os povos gozam nas mesmas.

E em nota ao trecho acima, escreveu ainda o referido autor:

*“Quando tratarmos das conspirações e revoluções pernambucanas, de 1801 a 1817, veremos que a Maçonaria começou a trabalhar ali sob a forma de ‘academias’, ‘areópagos’ e ‘sociedades literárias’”.*

Hércule Spoladore<sup>46</sup> também possui opinião semelhante:

*“A maneira de propagar estes novos conceitos foi a de se reunirem secretamente, já que eram inimigos da Coroa em potencial e também para se precaver contra a repressão das autoridades portuguesas. As organizações libertárias eram formadas por maçons e não maçons. Havia inicialmente ‘clubes secretos’, ‘academias’, pseudo Lojas Maçônicas e outras entidades afins. [...] Como estes agrupamentos se confundiam especialmente quanto às suas denominações, sabemos que os maçons pertenceram a todos eles, além das Lojas Maçônicas, as quais eram filiados”.*

Então, conforme a totalidade desses autores, sob o título de “academias” e “clubes” funcionavam as Lojas Maçônicas, trabalhando intimoratamente pela grandeza do Brasil. Levados por um ideal sublime, os maçons reuniam-se patrioticamente arriscando as suas vidas a fim de lutarem para que o Brasil fosse livre. A Maçonaria era coordenadora do movimento e aglutinadora daqueles esforços, daquelas arrancadas destemidas em busca da liberdade.

Mário Melo<sup>47</sup> ainda escreveu:

*“[...] essas sociedades, quer se chamassem ‘areópagos’, ‘academias’, ‘Lojas’, ‘oficinas’, ‘universidades’ ou coisas semelhantes, eram Lojas Maçônicas para aqui transplantadas pelos espíritos adiantados que se iniciaram na Europa ou nos Estados Unidos, diferindo no nome justamente para fazer confusão, desnortear o*

---

<sup>46</sup> SPOLADORE (2015, p.19).

<sup>47</sup> MELO (1912, p.10).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

*governo português, não levantar suspeitas e melhor propagar as ideias da democracia, disfarçadamente”.*

Um caso exemplar do esforço do governo português para impedir a circulação de ideias na colônia foi o trágico destino da “Sociedade Literária do Rio de Janeiro”.

Criada em 1786, com o apoio do Vice-Rei, D. Luís de Vasconcelos e Souza, a sociedade tinha como sócios, figuras importantes da capital, incluindo médicos, advogados, escritores e poetas. Nas reuniões semanais discutiam-se assuntos diversos, como Física, Astronomia, Filosofia e Literatura, e também os acontecimentos políticos na Europa e nos Estados Unidos. Era a época da “Revolução Francesa”, da “Independência Americana” e da “Conjuração Mineira”, o movimento de Independência de Minas Gerais que transformaria o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, em herói nacional. Por temer que a sociedade funcionasse como um fermento incontrolável para essas ideias, o então Vice-Rei, Conde de Rezende, sucessor de Vasconcelos e Souza, decidiu extingui-la em 1794. Suspeitas de envolvimento num suposto complô contra a monarquia, onze pessoas que dela faziam parte foram presas na Fortaleza da Conceição, onde permaneceram até 1797<sup>48</sup>.

Hércule Spoladore<sup>49</sup> nos conta que a “Sociedade Literária do Rio de Janeiro”, fundada em 1786 por Inácio da Silva Alvarenga e Basílio da Gama, segundo alguns autores, era uma Loja Maçônica disfarçada. Era protegida pelo Vice-Rei de Portugal D. Luiz de Vasconcelos, membro da “Academia de Letras de Lisboa” e grande iluminista português. Quando foi substituído pelo Conde de Resende, inimigo declarado dos iluministas, este dissolveu a dita sociedade, em 1794. Ainda segundo o referido autor, Domingos Vidal Barbosa, um dos mais célebres inconfidentes, teria pertencido a este grupo.

---

<sup>48</sup> VAINFAS (2001, p.139-140).

<sup>49</sup> SPOLADORE (2015, p.19).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

Eduardo Figueiredo<sup>50</sup> explica que mais uma conotação maçônica, podia ser encontrada na “Sociedade Literária do Rio de Janeiro”, com estatutos oficiais aprovados pelo Vice-Rei de Portugal.

Posteriormente, segundo ele, nos papéis sequestrados, ao poeta Manuel Alvarenga, havia um rascunho de estatutos em que num dos itens exigia-se *”a boa fé e jurando absoluto segredo de modo que ninguém saiba do que se trata na Sociedade”*.

Tal documento foi interpretado como indício maçônico.

Ainda de acordo com o referido autor:

*“[...] nas atas das sessões secretas havia registros de que se lia com entusiasmo livros e gazetas francesas que citavam a Sublime Ordem. Havia manuscritos, para colocação em vários pontos da cidade, nos quais se denunciava com veemência o despotismo de Portugal e se exaltava a França e a Liberdade. E não os atemorizava o malogro de outros movimentos anteriores. Com tudo isso vindo à tona, D. Maria I foi inexorável: negou todos os pedidos de comutações de pena. E proclamou a sentença de Tiradentes, como exemplo, para que ninguém mais ousasse afrontar o governo português”*.

Depois de todos os relatos, fica fácil concluir que, embora não oficialmente constituída, a Maçonaria já havia fincado raízes em solo brasileiro na época da “Inconfidência Mineira”, influenciando de forma ativa e direta os eventos que trinta e três anos depois culminariam na consolidação da Independência do Brasil.

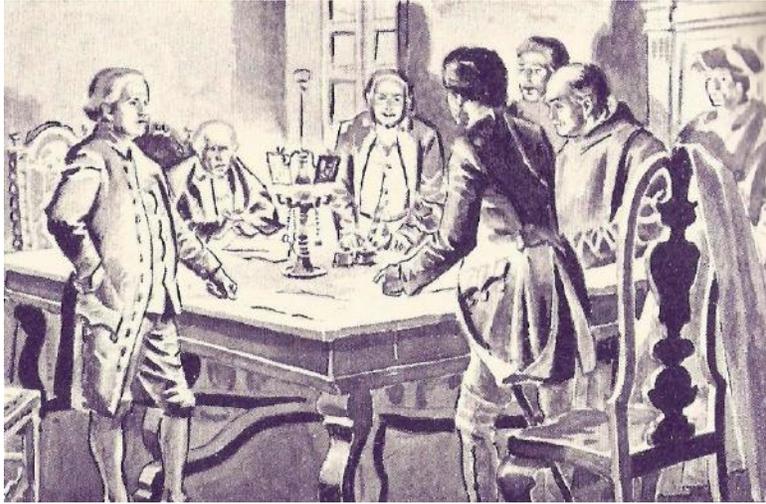
Trinta três anos...

Um número curioso, visto que a Maçonaria, pelo menos no Rito Escocês Antigo e Aceito (R.E.A.A.) coincidentemente compõe-se de trinta e três graus.

---

<sup>50</sup> FIGUEIREDO (2010, p.6).

## TIRADENTES CONHECE JOSÉ ÁLVARES MACIEL



O pesquisador Nêodo Ambrósio de Castro<sup>51</sup> descreve que no retorno de Álvares Maciel ao Brasil, ocorreu, para a felicidade e a consumação do sonho de Liberdade, um “*encontro da intelectualidade com a bravura*” – os ideais do homem culto e idealista com o caráter forte e exaltado do miliciano que conhecia o verdadeiro significado da palavra “Liberdade” e converteu-se num soldado fervoroso: o Alferes Joaquim José da Silva Xavier – o Tiradentes.

Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, nasceu em 12 de novembro de 1746, na Fazenda do Pombal, em Minas Gerais. Os seus pais eram Domingos da Silva Santos e Maria Antônia da Encarnação Xavier, pequenos proprietários rurais. Em 1755, após o falecimento da mãe, mudou-se para a Vila de São José, hoje rebatizada com o seu nome.

Depois da morte do pai, a família ficou sem recursos e os sete filhos se dispersaram. Joaquim José foi morar com um padrinho, que era cirurgião, o qual lhe ensinou os ofícios de prático farmacêutico e dentista. Evidentemente, Tiradentes não era formado em nenhuma dessas duas profissões, como a maioria dos profissionais da época.

---

<sup>51</sup> CASTRO (2013, p.2).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

A alcunha de "Tiradentes" lhe veio dessa prática, pela qual ficou conhecido em toda a região das minas. Também trabalhou como mestre de obras. E então aderiu à carreira militar.

Joaquim José da Silva Xavier ingressou na carreira das armas em 1775, no posto de Alferes da "6ª Companhia do Regimento de Cavalaria Paga" de Minas Gerais. No exercício das suas funções, durante os seus catorze anos de serviço, sempre atuou com eficiência e coragem. Ajudou a acabar com o banditismo na Mantiqueira, comandando o chamado "Destacamento do Sertão", e chefiou a patrulha que policiava o "Caminho Novo", por onde passava grande parte do ouro e diamantes destinados às arcas reais. Entretanto, embora brilhante a sua folha de serviços, jamais foi promovido. Por ser brasileiro, naturalmente.

A sua habilidade na técnica de extrair dentes valeu-lhe o apelido de "Tiradentes".

Mostrava-se interessado, também, em questões de mineralogia e comércio, o que o tornou largamente relacionado em Minas Gerais e no Rio de Janeiro. Da sua união com Antônia Maria do Espírito Santo, houve uma filha, de nome Joaquina<sup>52</sup>.

Em 1787 havia chegado apenas ao posto de alferes, patente correspondente ao posto de primeiro sargento na atualidade. Por isso, resolveu tentar outra profissão. Pediu uma licença da cavalaria em 1787 e mudou-se para o Rio de Janeiro, onde morou por cerca de um ano.

Na capital, tentou vender alguns projetos de saneamento básico para o governo da cidade, especialmente a canalização de córregos e a construção de aquedutos, especialidade em que a sua habilidade de mestre de obras, exercida antes de entrar para a milícia, era bem reconhecida. Todavia, os seus projetos não foram aprovados pelas autoridades coloniais, que estavam mais interessadas

---

<sup>52</sup> GOMES (1975, p.17).

em extrair os recursos da colônia do que provê-la de serviços públicos básicos.

A irresponsabilidade e o descaso com que os portugueses administravam a colônia e tratavam as necessidades do povo brasileiro devem ter despertado em Joaquim José um desejo ardente de mudar esse estado de coisas.

Assim, depois de um ano tentando a vida no Rio, ele resolveu voltar para Minas Gerais e retomar a sua carreira na milícia. Ao mesmo tempo deu início à atividade política, começando uma pregação em favor da autonomia da província mineira<sup>53</sup>.

Foi neste ponto que Joaquim José começou a perceber o quanto o Brasil estava sendo dilapidado pela Coroa portuguesa.

Praticamente todo o ouro extraído em Minas ia parar na Metrópole, mas o governo português não devolvia absolutamente nada sob a forma de serviços públicos. Era pura atividade predatória, sem nenhum comprometimento com o povo da colônia.

Nessa época, a população mineira já havia crescido bastante e as cidades da região aurífera haviam se tornado importantes centros populacionais. Cidades como Vila Rica (atual Ouro Preto), Mariana, São João Del Rey e Barbacena demonstravam a pujança da região mineira, que para as autoridades portuguesas era a mais importante economicamente.

A insatisfação da população mineira com esse estado de coisas crescia dia a dia, mobilizando principalmente as pessoas mais importantes da região, as quais, cientes do que estava acontecendo em outros lugares – América do Norte (EUA) e França, onde revoluções libertárias e populares estavam ocorrendo – começaram a pensar em fazer o mesmo por aqui.

---

<sup>53</sup> RODRIGUES (2015, p.4-5).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

Entre esses, estavam principalmente os profissionais liberais da região mineira, os quais, em sua maioria, tinham estudado na Europa e estavam bem a par dos movimentos que deram origem à Idade Moderna<sup>54</sup>.

Tiradentes, cujo verdadeiro nome era Joaquim José da Silva Xavier, alferes de cavalaria, viajou por toda a província de Minas, onde pôde conhecer a miséria do povo e a tirania que sobre ele pairava. Vindo da Bahia, fez parte do grupo de patriotas que se formara sob a orientação dos poetas Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Inácio Alvarenga Peixoto<sup>55</sup>.

E eis que então, no Rio de Janeiro, Tiradentes pusera-se em contato com um moço mineiro que regressava formado da Europa, o Dr. José Álvares Maciel, o qual segundo o depoimento de Domingos Vidal nos autos da “Devassa”, estivera na Inglaterra, buscando apoio para o levante de Minas Gerais<sup>56</sup>.

Para Tiradentes, o ano de 1788 marcou seus decisivos contatos no Rio de Janeiro, com homens que iriam marcar a sua vida e a sua atuação daí em diante.

Em março do mesmo ano ele se aproximou do Padre Rolim e a 23 de julho ocorreu o famoso encontro com José Álvares Maciel, que acabara de retornar da Europa.

Este lhe deu conta da correspondência entre José Joaquim Da Maia e Thomas Jefferson e lhe entregou um exemplar do “*Recueil*”, coletânea dos princípios políticos básicos do sistema constitucional norte-americano.

A partir daí, Tiradentes começou a sua pregação, participando de conventículos e da importante reunião dos principais ativistas do movimento, ocorrida em 26 de dezembro de 1788, na casa de Freire de Andrade, para formalizar os planos de um levante armado contra a Coroa Portuguesa<sup>57</sup>.

---

<sup>54</sup> RODRIGUES (2015, p.5).

<sup>55</sup> GOMES (1975, p.16).

<sup>56</sup> D'ALBUQUERQUE (1972, p.84-85).

<sup>57</sup> JUK (2015, p.17).

## ***TIRADENTES FOI OU NÃO FOI MAÇOM?***



No tocante à polêmica “Iniciação” de Tiradentes na Maçonaria, a indagação sobre se teria sido ele ou não um maçom, encontra eco afirmativo em vários autores maçons como Tenório D’Albuquerque e Augusto de Lima Júnior, entre outros, ancorados na tese de que o segredo das reuniões, motivado pelas perseguições, foi a causa da total escassez de documentos que pudessem comprovar essa suposta “Iniciação” de Joaquim José da Silva Xavier nos augustos mistérios, o que teria, segundo eles, acontecido por “comunicação” durante uma reunião e não necessariamente em uma Loja formalmente constituída.

Em contrapartida, a polêmica encontra uma severa resistência, principalmente nos meios acadêmicos e até mesmo em alguns escritores maçônicos como José Castellani e Kurt Prober, que questionam a teoria sob a ótica de que antes de 1797 não teriam existido Lojas Maçônicas no Brasil, o que, segundo eles, inviabilizaria qualquer pressuposição de que o Mártir da Inconfidência Mineira tivesse sido maçom.

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

Mas o que tem provocado a maior celeuma entre os historiadores é o que o pesquisador Joaquim Felício dos Santos<sup>58</sup> deixou escrito sobre Tiradentes, onde o referido autor afirma que: *“quando foi removido da Bahia, trazia instruções secretas da Maçonaria para os patriotas de Minas”*. Todo o peso da argumentação de Joaquim Felício<sup>59</sup> repousa no seguinte fato até hoje não comprovado por documentação fidedigna, mas convictamente asseverado por alguns dos nossos mais notáveis historiadores de que *“Em meados do século passado (Séc. XVIII) já funcionava na Bahia uma Loja Maçônica”*.

Ainda segundo o citado autor, quando de sua passagem por Tijuco (hoje Diamantina), Tiradentes teria “Iniciado” nos augustos mistérios, em primeiro lugar, o Padre Rolim, e depois o cadete Joaquim José Vieira Couto (que quando faleceu, em consequência de enfermidade adquirida na cadeia de Vila Rica, foi enterrado revestido das insígnias de mestre-maçom).

As reuniões (em Serro Frio), comenta Joaquim Felício dos Santos<sup>60</sup>, ocorriam à alta noite na casa de José da Silva Oliveira, pai do Padre Rolim, a elas frequentando as principais figuras do Tijuco, *“todos maçons”*, guardando-se o maior segredo das suas deliberações e pessoas comprometidas.

*“Os conciliábulos faziam-se alta noite em casa de José da Silva Oliveira, pai do Padre Rolim; a eles concorriam as principais pessoas do Tejuco e diz-se que até o intendente Beltrão se envolvera na conjuração; mas guardava-se o maior segredo sobre as deliberações e nomes dos comprometidos”*.

E na página 228 de seu livro<sup>61</sup> *“Memórias do Distrito Diamantino”*:

*“Os conjurados eram todos Iniciados na Maçonaria, introduzida por Tiradentes, quando por aqui passou, vindo da Bahia para Vila Rica”*.

---

<sup>58</sup> FAGUNDES (1989, p. 34).

<sup>59</sup> SANTOS (1868, p. 257).

<sup>60</sup> SANTOS (1868, p.253).

<sup>61</sup> SANTOS (1868, p. 228).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

Já Pedro Juk<sup>62</sup> discorre que as reuniões de objetivo libertário eram realizadas de forma alternada nas casas de Cláudio Manoel da Costa e do Tenente Coronel Freire de Andrade. De acordo com ele, devaneadores de um Brasil independente, os bravos conjurados, de forma até utópica, anteviam o Brasil funcionando como República Democrática, sem escravos, onde haveria escolas e universidades para o povo, justiça tributária, incentivo para a instalação de indústrias, etc.

E Augusto de Lima Júnior<sup>63</sup> assim comenta sobre isso:

*“Pois, com toda essa constante e profícua atividade, não faltava tempo ao alferes Joaquim José para estudar os assuntos que ele entendia serem de interesse para a sua terra. Tinha o que hoje denominamos e raramente encontramos: ‘espírito público’. Iniciado na Maçonaria, tomava parte nas reuniões desta no Rio de Janeiro e pregava as suas doutrinas onde quer que se encontrasse”.*

Versão que encontra eco em Arci Tenório D’Albuquerque<sup>64</sup>, que diz:

*“Tiradentes, na sua passagem por Tejuco (atualmente Diamantina), ali introduziu a Maçonaria. Conclui-se das palavras transcritas que a Loja funcionava na residência de José da Silva Oliveira, pai do famoso Padre Rolim, também maçom; e que a ela concorriam as principais pessoas do Tejuco”.*

E novamente nas palavras de Joaquim Felício dos Santos<sup>65</sup>:

*“Quando Tiradentes foi removido da Bahia, trazia instruções secretas da Maçonaria para os ‘patriotas’ de Minas. Em Tejuco o primeiro que ‘Iniciou-se’ foi o Padre Rolim, depois o cadete Joaquim José Vieira Couto e seus irmãos”.*

“Patriotas” – esclarece o eminente pesquisador e historiador, em seu livro “Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Serro Frio” – eram chamados os maçons brasileiros da época adeptos da república.

---

<sup>62</sup> JUK (2015, p.16).

<sup>63</sup> LIMA (1955, p.106).

<sup>64</sup> D’ALBUQUERQUE (1972, p.111).

<sup>65</sup> SANTOS (1868, p.255).

Outro fato que reacende a polêmica é o relato de Joaquim Norberto de Souza Silva<sup>66</sup>:

*“No dia 28 de agosto de 1788 apresentou-se o alferes Joaquim José da Silva Xavier ao comandante de seu regimento para dar parte de doente, pois, com efeito, chegara enfermo à Vila Rica. Reteve-o a sua enfermidade em casa pelo espaço de três meses. Suspenderam-lhe o soldo e teve ele de recorrer ao empenho da amizade que contraíra na cidade do Rio de Janeiro com o Dr. José Álvares Maciel. Era este jovem aparentado com o tenente-coronel de seu regimento Francisco de Paula Freire de Andrade e fácil lhe foi obter o que desejava o pobre alferes. Renovou Tiradentes a prática que tivera com Dr. Álvares Maciel na cidade do Rio de Janeiro, e conseguiu, por intermédio de sua pessoa, ser ‘Iniciado nos mistérios’ da conjuração que desde muito tempo se tramava em Vila Rica”.*

Segundo D’Albuquerque<sup>67</sup>, para um leigo em assuntos maçônicos, pouco valor tem a palavra “Iniciado”, empregada nos trechos acima.

Outro é o caso, entretanto, para quem já se adentrou em estudos maçônicos. “*Iniciado nos mistérios da conjuração*”, de acordo com ele, pode significar admitido, aquele que passou pelo ato de admissão, de Iniciação na Maçonaria.

O referido autor sugere que igualmente observemos atentamente a frase: “*Tiradentes regressara do Rio. Renovou com o tenente-coronel a prática que tivera com Álvares Maciel*”, indagando-nos em seguida: “*Que ‘prática’ teria sido essa? Com que sentido está empregado o vocábulo ‘prática’?*”

E ainda em conformidade com D’Albuquerque<sup>68</sup>, possivelmente, Tiradentes foi Iniciado na Maçonaria pelo Dr. José Álvares Maciel que, de acordo com o ritual, lhe transmitiu os sinais e toques, e ensinou-lhe a palavra sagrada de aprendiz.

<sup>66</sup> SILVA (1948, p.96 – tomo I).

<sup>67</sup> D’ALBUQUERQUE (1972, p.95-96).

<sup>68</sup> D’ALBUQUERQUE (1972, p.101).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

Assim, ao apresentar-se ao comandante, Tiradentes demonstrou, provou ser maçom (renovando a “prática” que tivera com Álvares Maciel) e foi finalmente atendido.

Já o renomado historiador Augusto de Lima Júnior<sup>69</sup> escreveu:

*“Todos os dias, depois dos seus trabalhos no quartel, que era na Rua das Flores, partia Francisco de Paula Freire de Andrade para a sua chácara no Cruzeiro, lá jantando, às vezes, e retornando para sua casa da rua Direita muito tarde da noite. Era essa chácara, o local mais adequado às reuniões [...] quando desejava entender-se secretamente com alguns oficiais do seu regimento, e demais companheiros para o preparo do ato da insurreição. Foi aí que, em março de 1789, se traçou o plano final de operações para ser levado a efeito no dia em que se marcasse o início delas”.*

*“Nessa reunião, talvez a última anterior às prisões, segundo o testemunho verídico de Tiradentes, resolveu-se tudo quanto respeitava ao lance inicial do movimento, pois que estava anunciada a ‘Derrama’ e isso constituía um excelente meio de excitar os tímidos, os comodistas e os que só se movem quando se lhes toca nas algibeiras”.*

*“Foi um almoço, em dia de domingo, que serviu para essa reunião. Estavam em torno da mesa, além de Francisco de Paula, que a presidia como anfitrião, seu cunhado José Álvares Maciel, os padres Carlos Correia de Toledo e José da Silva Rolim, além de outros conjurados de Vila Rica. Depois de ouvir minucioso relatório do alferes Joaquim José, que regressara do Rio de Janeiro, onde mantivera contatos decisivos com os confrades das Lojas Maçônicas, e que lá dirigiam o movimento da insurreição”.*

Ao que novamente complementa D’Albuquerque<sup>70</sup>:

---

<sup>69</sup> LIMA (1955, p.136-137).

<sup>70</sup> D’ALBUQUERQUE (1972, p.105).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

*“É fácil de imaginar que dificilmente Tiradentes, como maçom que era, iria expor contatos fraternais mantidos com ‘Irmãos’ de ‘Lojas Maçônicas’, a não ser a maçons”.*

E o historiador Morivalde Calvet Fagundes<sup>71</sup> encerra assim a discussão:

*“A verdade é que um historiador probo não se baseia tão só em documentos escritos, mas também se estriba no testemunho, no depoimento oral ou escrito, desde que feito por pessoa esclarecida, sincera e imparcial, como nos ensinam os tratados de crítica histórica. O testemunho compõe a tradição, que junto com os documentos e os monumentos constituem as fontes da História”.*

*“Portanto, dizer que Tiradentes não foi maçom é, pelo menos, um vexame à crítica histórica, baseando-a unicamente na existência, ou não, de documentos escritos, em prejuízo de uma rica tradição, existente em Minas Gerais, e dos monumentos, que não falam, mas comprovam. Veja-se o triângulo da bandeira da Inconfidência, proposto por Tiradentes, que é, de acordo com Paul Naudon, o símbolo maçônico da Santíssima Trindade”.*

Se Tiradentes foi ou não foi maçom, honestamente me abstenho de tomar partido. Cabe ao leitor decidir.

Agora, o fato indubitável do qual não podemos fugir e que não podemos ignorar é que Tiradentes, tendo sido maçom ou não, em nada altera-se o fato de que o exemplo por ele dado, ao assumir sozinho toda a culpa do movimento e a forma heroica como se entregou à morte, sem delatar os seus companheiros, são inegavelmente atitudes maçônicas, mesmo que levadas à cabo por um profano. Portanto, afirmo com a mais pura e incontestável certeza que Tiradentes foi, se não um maçom de fato, no mínimo, um profano dotado de coração e espírito maçônicos.

---

<sup>71</sup> FAGUNDES (1989, p.35).

## **A ORGANIZAÇÃO DO MOVIMENTO**



Na concepção de D’Albuquerque<sup>72</sup> é inadmissível considerar-se a “Inconfidência Mineira” apenas no seu ápice, quando da sua descoberta. Cumpre pesquisar as suas origens e reconhecer tratar-se de um movimento libertador do Brasil com raízes muito mais antigas, desopressor dos mineiros tão vilmente explorados pela cobiça insaciável da Metrópole; movimento com indiscutível influência das ideias oriundas da França, dos enciclopedistas que eram, em sua grande maioria, maçons; uma arrancada para a liberdade, dirigida por maçons brasileiros, debatida e planejada em sessões maçônicas.

Não é apenas infantilidade e sim uma estultice – obstinação decorrente de fanatismo – negarmos-nos a reconhecer na “Inconfidência Mineira” um empreendimento de cunho maçônico. Basta atentarmos à sua bandeira, aos seus objetivos de liberdade, igualdade e fraternidade através da união dos brasileiros em torno de um ideal supremo: e de constituição de uma pátria livre.

Manoel Gomes<sup>73</sup> conta que “*Tiradentes voltou a Vila Rica de um encontro que teve com Maciel, no Rio de Janeiro, em setembro de 1788, onde discutiram os*

<sup>72</sup> D’ALBUQUERQUE (1972, p.19-20).

<sup>73</sup> GOMES (1975, p.19-20).

*primeiros pontos do plano para a rebelião”.*

Neste momento, a organização da conjura entrava em ritmo de urgência. Ficou decidido que seria proclamada a república; um projeto de Constituição foi elaborado; a capital seria São João Del-Rei; a abolição progressiva da escravidão também chegou a ser debatida; a bandeira da nova república seria um triângulo traçado em linhas vermelhas sobre um fundo branco. E Alvarenga deu a sugestão de uma inscrição latina para completar a referida Bandeira, tomada ao poeta Virgílio – “**LIBERTAS QUAE SERA TAMEN**” – cujo sentido no vernáculo é: “*Liberdade, ainda que tardia*”. Os inconfidentes resolveram, então, não mais se reunir e combinaram uma senha: “*Tal dia é o Batizado*” – em que o “tal dia” seria a data da eclosão do movimento.

Tudo pronto. Era só aguardar do Governador Visconde de Barbacena o decreto da “Derrama”, que seria para os conjurados a grande oportunidade para sublevar o povo. Dentre outros planos dos visionários conjurados, estes tinham a convicção do apoio popular, não se preocupando em preparar o povo com antecedência para a rebelião.

Para os conjurados, talvez por serem reconhecidamente influenciados pelo sucesso da Independência dos EUA, o povo lhes daria incontestável apoio, tal qual ocorrera no continente norte-americano, por ocasião da cobrança de impostos sobre o chá, o vidro e outros produtos. Dessa forma, eles acreditavam que a “Derrama”, aqui no Brasil, por si só, seria suficiente para provocar reação popular nas Minas Gerais. Neste sentido, os conjurados decidiram que a revolução irromperia quando fosse lançada a “Derrama”<sup>74</sup>.

Nessa altura, a conspiração dos mineiros já havia se tornado um plano. Planejavam a insurreição para o dia da “Derrama”. Nascia então, a “Inconfidência Mineira”, que recebeu este nome justamente pelo fato de que essa ação deveria

---

<sup>74</sup> JUK (2015, p.16).

ser conservada em segredo.

Redobrados esforços foram aplicados no sentido de se articular o movimento. Tiradentes entregou-se inteiramente à causa, pregando abertamente a revolução, ora denunciando a “Derrama”, ora a injustiça social ou a violência das autoridades<sup>75</sup>.

Todavia, entre os conspiradores havia pessoas que resolveram aproveitar a oportunidade para barganhar com o governo português, o perdão de suas dívidas. Entre elas, o coronel Joaquim Silvério dos Reis, o tenente-coronel Brasília de Brito Malheiros do Lago e o minerador luso-açoriano Inácio Corrêa Pamplona, que tinham aderido ao grupo nos últimos dias. E foram esses três traidores que delataram ao Visconde de Barbacena o complô dos mineiros<sup>76</sup>.

## **OS “AUTOS DA DEVASSA”**



No dia 15 de março de 1789, Joaquim Silvério dos Reis, também conjurado, denunciaria os companheiros ao Governador Visconde de Barbacena. Os outros denunciantes apareceriam depois: Brasília de Brito Malheiros do Lago e Inácio Corrêa Pamplona<sup>77</sup>.

<sup>75</sup> GOMES (1975, p.18).

<sup>76</sup> RODRIGUES (2015, p.6-7).

<sup>77</sup> GOMES (1975, p.21).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

Quando parecia delineado o movimento, Tiradentes voltou ao Rio de Janeiro, em 11 de março de 1789, depois de ter recebido uma licença para tratar a saúde no dia 10.

No dia 14 do mesmo mês, a “Derrama” foi suspensa – conforme carta enviada pelo Governador Barbacena à Câmara de Vila Rica – e no dia seguinte, dia 15, o delator do movimento, Joaquim Silvério dos Reis, apresentou oficialmente a sua denúncia, conforme atestado pelo Visconde de Barbacena e incluído no “*Volume I*” dos “*Autos da Devassa*”.

Joaquim Silvério dos Reis, à época coronel de cavalaria, assim começava a sua carta ao Governador Visconde de Barbacena:

*“Meu Senhor, pela forçosa obrigação que tenho de ser leal vassalo à nossa Augusta Soberana (D. Maria I), ainda apesar de me tirar a vida como logo se me protestou, na ocasião em que fui convidado para a sublevação, que se intenta, prontamente passarei a pôr na presença de V. Excia., o seguinte”...*

E com estas palavras, encerra Silvério dos Reis a sua carta<sup>78</sup>:

*“Ponho todos estes importantes participantes na presença de V. Excia., pela obrigação de fidelidade, não por que meu intento nem vontade sejam de ver a ruína de pessoa alguma, o que espero em Deus que com o bom discurso de V. Excia., há de acontecer tudo e dar as providências, sem a perdição dos vassalos. O prêmio que peço tão somente a V. Excia., é o de rogar-lhe que pelo amor de Deus não se perca ninguém”.*

A “Derrama” estava programada para o mês de março de 1789. Mas um dia antes da data prevista, o Visconde de Barbacena, informado pelos delatores de que haveria resistência à ação, e que daí poderia surgir uma sublevação cujas consequências eram impossíveis de se prever, resolveu suspender a operação.

---

<sup>78</sup> GOMES (1975, p.22).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

Isso esvaziou o movimento e obrigou os inconfidentes a abandonarem, momentaneamente, o plano<sup>79</sup>.

Barbacena, para ganhar tempo, suspendeu a “Derrama”. O ato ocorreu no dia 23 de março, alegando ele a impossibilidade de poder o povo pagar aquele pesado tributo, e sendo ainda necessário fazer certas averiguações, adiando a “Derrama” para uma ocasião mais oportuna.

Em Vila Rica, amedrontados pela decisão de Barbacena, mandando suspender a “Derrama” os conspiradores limitaram-se em aguardar os acontecimentos. Apenas Maciel e o padre Rolin tentaram dar início ao levante de qualquer maneira, só desistindo quando compreenderam ser impossível. A iniciativa estava agora nas mãos dos portugueses; e começaram as prisões<sup>80</sup>.

Tiradentes não se encontrava em Vila Rica. Tinha ido ao Rio de Janeiro com o objetivo de conseguir o apoio da guarnição militar da capitania, onde era muito bem relacionado.

No Rio, encontraram-se Tiradentes e Joaquim Silvério dos Reis, que a mando de Barbacena espionava o companheiro, com o fim de facilitar a sua prisão. Silvério dos Reis relatou a Tiradentes os acontecimentos de Vila Rica.

Tiradentes, sem suspeitar de Silvério dos Reis, sentindo que a revolução corria perigo, decidiu voltar a Minas, o que não conseguiu, pois logo percebeu que estava sendo vigiado.

Augusto de Lima Júnior<sup>81</sup> refere-se a estes acontecimentos da seguinte maneira:

*“Pretendeu, o alferes, ocultar-se por alguns dias, até que pudesse, com as trevas da noite, ganhar os matos, escapar-se para as Minas Gerais, onde haveria*

---

<sup>79</sup> RODRIGUES (2015, p.6).

<sup>80</sup> GOMES (1975, p.22-23).

<sup>81</sup> LIMA (1955, p.158).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

*de, certamente, pôr em movimento a insurreição. Para isso, foi avistar-se com seu amigo e talvez irmão de Maçonaria, o capitão Joaquim de Sá Pinto do Rego Fortes, oficial da Legião de Voluntários Reais de São Paulo, a quem narrou as suas dificuldades e pediu auxílio em tão delicadas circunstâncias. Lembrou-se Rego Fortes de esconder o alferes numa fazenda de um amigo seu, o mestre de campo Inácio de Andrade Souto Maior, que possuía uma fazenda em Marapicu, de onde, com facilidade, Tiradentes poderia ganhar o caminho das Minas. Não é necessária muita argúcia, para que a gente desconfie de que nesses contatos e auxílios que se faziam ao Tiradentes andava muito cautelosa, a ação dos ‘pedreiros-livres’ do Rio de Janeiro”.*

E então, ao perceber que estava sendo vigiado, o alferes decidiu por bem deixar a fazenda de Souto Maior e buscar refúgio na casa do igualmente maçom Domingos Fernandes da Cruz, onde acabaria sendo preso pouco tempo depois.

Iniciou-se então – em 07 de maio de 1789 – um longo e penoso procedimento investigatório que seria denominado “Autos da Devassa”, e que duraria cerca de três anos, submetendo os conjurados presos a exaustivos interrogatórios, invasão de domicílios e violência na busca por provas e materiais documentais que pudessem comprometer os conjurados<sup>82</sup>.

Desejoso de novas notícias, Tiradentes mandou ao padre e maçom Inácio Nogueira que procurasse Silvério dos Reis. Este, fiel à traição, denunciou o padre ao Vice-Rei e o mesmo foi imediatamente preso. Submetido à tortura, o padre indicou o lugar onde se encontrava Tiradentes: a casa do maçom Domingos Fernandes da Cruz. A propriedade foi cercada e Tiradentes foi preso no dia 10 de maio de 1789, apenas três dias depois de instalada a “Devassa” do Rio de Janeiro.

Encarcerado na Ilha das Cobras, Tiradentes passou por vários interrogatórios

---

<sup>82</sup> JUK (2015, p.16).

entre 1789 e 1791. E em 18 de janeiro de 1790 ele confessou ter sido “o cabeça do motim”, justificando o fato de nada ter dito antes “por não querer perder ninguém”<sup>83</sup>.

A “Devassa” promoveu a acusação de 34 pessoas, que tiveram as suas sentenças definidas em 19 de abril de 1792, com onze dos acusados condenados à morte: Tiradentes, Francisco de Paula Freire de Andrade, José Álvares Maciel, Luís Vaz de Toledo Piza, Alvarenga Peixoto, Salvador do Amaral Gurgel, Domingos Barbosa, Francisco Oliveira Lopes, José Resende da Costa (pai), José Resende da Costa (filho) e Domingos de Abreu Vieira.

Desses, apenas Tiradentes, que heroicamente chamou para si toda a responsabilidade, foi executado; os demais tiveram a pena comutada para degredo perpétuo, por D. Maria I, e foram deportados para a África<sup>84</sup>.



## **O MISTÉRIO DO ENCAPUZADO**

Um detalhe curioso ocorrido neste episódio histórico e que é geralmente ignorado, entretanto consta dos “*Autos da Inconfidência Mineira – Vol. II*” que atualmente faz parte do acervo da “Biblioteca Nacional”, faz alusão ao fato de que logo no início da ação policial, apareceu, às primeiras horas da noite, nas ruas desertas de Vila Rica, um vulto misterioso e encapuzado que, batendo nas portas e nas janelas dos inconfidentes, os ia avisando para que fugissem, pois estavam na iminência de serem presos.

<sup>83</sup> JUK (2015, p.18).

<sup>84</sup> FIGUEIREDO (2010, p. 6).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

Não se sabe, ainda, quem era esse misterioso personagem, tão pouco se sabe a quais os conjurados pôde ele levar aquele aviso. Sabe-se, porém, pelos depoimentos colhidos durante a “Devassa”, que os que foram avisados e não deram crédito ao fato, foram presos. Não resta a menor dúvida de que o misterioso personagem encontrava-se a par da ação policial e que, por ser simpático à causa, ou por ser também um membro da **fraternidade maçônica**, sentiu-se, por isso mesmo, na obrigação de avisar aos seus **irmãos**<sup>85</sup>.

Sobre esse mistério, até hoje não resolvido, Arci Tenório D’Albuquerque<sup>86</sup> fornece-nos outros detalhes:

*Há um episódio da “Inconfidência Mineira” não esclarecido; e ao qual, de leve aludem uns poucos historiadores: o “caso do embuçado”.*

*Consta dos “Autos da Devassa da Inconfidência Mineira – vol. II”, que já depois de encontrar-se preso o Desembargador Tomás Antônio Gonzaga, um homem rebuçado foi à casa dele. Atendido por uma escrava, Antônia da Costa, incumbiu-a de avisar a Luiz Antônio de Freitas que ele iria ser preso. O mesmo homem misterioso falou também com Cláudio Manuel da Costa, que confirmou o fato em interrogatório a que foi submetido.*

Segundo Eduardo Figueiredo<sup>87</sup>, foi uma pessoa que, quando Barbacena descobriu o golpe, saiu na calada da noite envolto num balandrau negro e com capuz que lhe cobria o rosto, batendo de porta em porta ou nas janelas das casas dos membros do movimento, avisando aos inconfidentes para que fugissem, pois o plano havia sido descoberto.

Nunca se soube quem realmente era o tal “embuçado”. Mas conclui-se que se tratou de uma atitude puramente maçônica, levada a termo por um maçom,

---

<sup>85</sup> GOMES (1975, p.23)

<sup>86</sup> D’ALBUQUERQUE (1972, p.157).

<sup>87</sup> FIGUEIREDO (2010, p.5).

pois, ao bater nas portas e nas janelas, o tal sujeito empregava um sinal previamente convencionado para depois fornecer a senha secreta pré-estabelecida, provavelmente, em reunião de cunho maçônico.

Alguns pesquisadores afirmam ser “*UAI*” a palavra utilizada como senha secreta, cujas letras seriam as iniciais das palavras “União”, “Amor” e “Independência”. Posteriormente, o termo popularizou-se e “*UAI*” acabou virando expressão comum entre os mineiros.

Assustaram-se as autoridades portuguesas, sobretudo o Visconde de Barbacena, quando se inteirou do aparecimento do encapuzado. Determinou providências, novas inquirições para averiguar, mas nada conseguiu esclarecer.

Quem era esse misterioso “encapuzado”, “embuçado” ou “rebuçado”, como consta dos autos? Quem seria capaz de disfarçar-se com um balandrau negro, correndo grave risco, para ir avisar aos inconfidentes para que se precavesses?

Não nos esqueçamos de que, em algumas sociedades iniciáticas da época era habitual os seus membros se apresentarem encapuzados.

Tratar-se-ia de algum estrangeiro, português, possivelmente “Iniciado” na Europa, em uma instituição secreta, que, tomando ciência do que iria acontecer, por exercer um alto posto no governo ou na polícia da época, teria resolvido, apesar de todos os riscos, avisar aos companheiros inconfidentes ou irmãos maçons<sup>88</sup>?

## **O JULGAMENTO DOS INCONFIDENTES**

Concluída a “Devassa”, no dia 18 de abril de 1792 exarou-se a sentença que no dia seguinte seria lida aos conjurados, donde onze deles tinham sido condenados à morte na forca, cinco condenados ao degredo perpétuo e os demais ao degredo temporário.

---

<sup>88</sup> D'ALBUQUERQUE (1972, p.157).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

Entretanto, no dia 20 de abril daquele ano, nova sentença era lida, comutando a pena de morte pelo degredo perpétuo para dez dos onze conjurados condenados à forca, mantendo a pena capital apenas para Tiradentes, cuja sentença determinava por ser “o único que se fez indigno da real piedade”<sup>89</sup>.

O doutor José de Oliveira Fagundes foi nomeado advogado dos inconfidentes, o qual apresentou ao Tribunal da Inconfidência a defesa dos réus, nome por nome<sup>90</sup>.

O processo durou cerca de três anos até se formular a sentença condenatória. Durante os interrogatórios, Tiradentes sempre reivindicou para si a exclusiva culpa pela iniciativa da sedição, inocentando todos os seus companheiros de outros crimes que não fosse o de ouvir suas ideias<sup>91</sup>. Uma atitude tipicamente de maçom, diga-se de passagem.

Em 18 de janeiro de 1790, Tiradentes que até ali tudo havia negado, eis que aparece com a resolução de confessar e assumir toda a responsabilidade da conjura. As respostas de Tiradentes, nos depoimentos, para todas as perguntas, nos três interrogatórios até então feitos, foram prudentes e meditadas. Na ocasião do quarto interrogatório, porém, Tiradentes confessou-se comprometido e responsável, aceitando a ideia do sacrifício pelo ideal republicano, dizendo “que até ali havia negado por não querer perder a ninguém”<sup>92</sup>.

O comportamento do Alferes Joaquim José da Silva Xavier durante todo o período dos interrogatórios foi o de nunca acusar os companheiros, nem de demonstrar arrependimento ou fraqueza de caráter, pautando-se com firmeza, na convicção do propósito de libertar o Brasil de Portugal. Conforme consta nos registros dos “Autos da Devassa”, em certa ocasião, disse o alferes:

---

<sup>89</sup> JUK (2015, p.16).

<sup>90</sup> GOMES (1975, p.24).

<sup>91</sup> FIGUEIREDO (2010, p.5).

<sup>92</sup> GOMES (1975, p.24).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

*“Pois seja feita a vontade de Deus... Se mil vidas eu tivesse, mil vidas daria pela libertação da minha Pátria!”<sup>93</sup>.*

E assim ele deu a sua vida pelos companheiros. Tiradentes foi condenado à pena capital, por crime de lesa-majestade. E, por isso, quase um século depois, ele ficaria conhecido o herói da Liberdade nas Américas.

Ainda em 1792, no mês de abril, dia 18 – dos cinco padres inconfidentes tornados réus, três foram condenados à forca: padre Rolin, padre José Lopes de Oliveira e o cônego Melo. Os outros dois foram condenados ao degredo. No dia seguinte, foi lida a sentença condenatória dos demais: Álvares Maciel, Inácio Alvarenga Peixoto, Domingos de Abreu Vieira, Francisco Antônio de Oliveira Lopes e Luiz de Toledo Pizza, os quais seriam enforcados e teriam as suas cabeças decepadas e espetadas em postes, onde ficariam até que o tempo as consumisse. Salvador Carvalho do Amaral Gurgel, José Rezende Costa e Domingos Vidal Barbosa seriam enforcados, mas não teriam as cabeças decepadas. Tomás Antônio Gonzaga e os demais conjurados receberam a pena de degredo. Poucos foram os absolvidos.

Tiradentes, com a serenidade própria de um verdadeiro herói, ouviu a sua sentença: enforcamento, a cabeça decepada, para ser espetada num poste e exposta em Vila Rica; o corpo, cortado em quartos, para serem pregados em postes e expostos pelos caminhos de Minas, nos sítios de Varginha e das Cebolas.

E então, no dia 20 de abril de 1792 foi comutada a pena de enforcamento a todos, exceto Tiradentes. Na ocasião de leitura do “Acórdão”, houve alegria, e até quem, entre os condenados, desse vivas à D. Maria I.

Ninguém prestou atenção à Tiradentes; ninguém lhe agradeceu a decisão heroica e digna que teve. Somente Frei Penaforte recolheu-lhe as palavras, que segundo o padre foram muito parecidas com as ditas na devassa:

---

<sup>93</sup> JUK (2015, p.16).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

*“Dez vidas eu daria, se as tivesse, para salvar as deles”<sup>94</sup>.*

A Coroa fazia questão de enforcar ao menos um dos conspiradores, para que servisse de exemplo. E Tiradentes fora o escolhido.

A execução ocorreria no dia seguinte, 21 de abril de 1792, às onze horas e vinte minutos.

Manoel Gomes<sup>95</sup> relata que:

*“No dia 21 de abril de 1792, às 09 horas da manhã, iniciou-se o triste cortejo. À frente uma companhia de soldados, depois os frades recitando orações e, em seguida, Tiradentes, o laço da forca no pescoço e a ponta da corda segura pelo carrasco. E quase abraçado ao condenado, Frei Raimundo Penaforte rezava com ele. Descalço, com o cabelo todo raspado e sem barba, vestido com uma camisola branca, Tiradentes seguia de cabeça erguida, porte ereto e passo firme, a marcha da forca, construída no Largo da Lampadosa (atual Praça Tiradentes), onde às 11 horas e 20 minutos foi enforcado”.*

Consta dos autos da “Devassa” que a prolação (leitura pública) da sentença de Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes) era tão longa que o meirinho levou dezoito horas para lê-la por inteiro, como era de praxe na época<sup>96</sup>.

Eduardo Figueiredo<sup>97</sup> dá conta desse episódio através das seguintes palavras:

*“Na manhã de 21 de abril de 1792, cercado pela tropa do governo, Tiradentes foi conduzido pelas ruas do Rio de Janeiro, partindo da prisão até o patíbulo, que fora instalado no Largo da Lampadosa. Teve a cabeça e a barba raspadas, coberto por um manto de confecção tosca, portando uma imagem de Cristo crucificado. Ao chegar ao cadafalso, subiu calmamente os degraus, acompanhado do*

---

<sup>94</sup> GOMES (1975, p.25-26).

<sup>95</sup> GOMES (2015, p.3).

<sup>96</sup> RODRIGUES (2015, p.6).

<sup>97</sup> FIGUEIREDO (2010, p.7).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

*padre que lhe dava amparo espiritual, com orações e frases de reflexões, até a hora da morte. Em volta da cena, a multidão assistia com consternação. Já no patamar, Tiradentes se dirigiu ao carrasco e pediu-lhe que abreviasse o sofrimento. O carrasco pediu-lhe perdão e disse que estava apenas cumprindo a Lei. Todavia, tão logo o corpo, ainda vivo, projetou-se no vazio, o carrasco jogou-se sobre seus ombros, forçando seu peso sobre o do enforcado para apressar a sua morte. A mando da rainha D. Maria I e por ordem da Corte de Justiça da Coroa Portuguesa, depois da morte, com todos os requintes atrozes de perversidade, decapitaram-no, cuja cabeça ficou espetada num poste de Vila Rica, e, o seu corpo foi feito em pedaços e espalhado pelas cidades vizinhas”.*

De acordo com o relato podemos inferir que após a execução, o corpo de Tiradentes foi esquartejado. A cabeça foi pendurada em um poste em Vila Rica; e os demais restos mortais foram distribuídos ao longo do “Caminho Novo”, estrada real que ligava o Rio às Minas Gerais.

Santana de Cebolas (atual Inconfidência – distrito de Paraíba do Sul), Varginha do Lourenço, Barbacena e Queluz (atual Conselheiro Lafaiete) foram os lugares onde, segundo consta do processo, o alferes fizera seus discursos sediciosos, e, portanto, nesses lugares as partes do seu corpo ficaram expostas para mostrar ao povo da colônia como o governo português tratava os seus opositores.

A casa onde morava Tiradentes foi arrasada e o solo salgado, para que nada ali nascesse<sup>98</sup>.

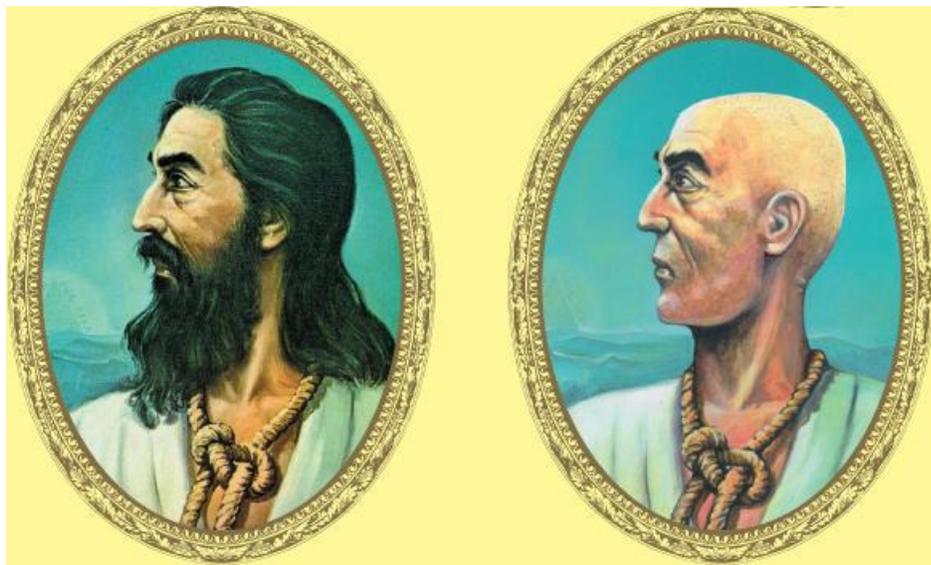
É igualmente interessante o fato de que na primeira noite em que a cabeça de Tiradentes foi exposta em Vila Rica, a mesma foi furtada, sendo o seu paradeiro desconhecido até os nossos dias<sup>99</sup>.

---

<sup>98</sup> RODRIGUES (2015, p.6).

<sup>99</sup> BARRETO (2015, p.10).

## **TIRADENTES - O MITO**



Também cumpre saber que Tiradentes jamais teve barba e cabelos compridos. Como alferes, o máximo permitido pelo Exército Português seria um discreto bigode. Além disso, durante o tempo que passou na prisão, Tiradentes, assim como os demais detentos, tivera os cabelos e a barba aparados periodicamente a fim de evitar a proliferação de piolhos, e, durante a sua execução, segundo os costumes da época, deveria estar praticamente careca e com a barba feita, pois o cabelo e a barba, caso estivessem compridos, poderiam interferir na ação da corda com que foi enforcado<sup>100</sup>.

Como então surgiu o Mito de Tiradentes barbudo e de cabelos compridos?

Historicamente, o personagem Joaquim José da Silva Xavier, conhecido como Tiradentes, só começou a ter alguma importância depois da Proclamação da República (15/11/1889). Essa falta de notoriedade deve-se ao fato de que durante o período monárquico, sendo o trono ocupado por uma família portuguesa, tudo o que tivesse qualquer relação com os movimentos libertários de inspiração republicana era propositalmente mantido na obscuridade.

---

<sup>100</sup> BARRETO (2015, p.10).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

Assim, nenhuma referência à insurreição mineira era permitida na mídia da época, nem nos livros escolares.

Todavia, com a Proclamação da República, os seus inspiradores, maçons de orientação positivista, começaram um trabalho de recomposição da memória nacional e eles estavam em busca de figuras heroicas que encarnassem o ideal republicano, de modo que encontraram na figura de Tiradentes, o personagem perfeito. Daí a mitificação da sua biografia, fazendo dele o herói nacional da “Inconfidência Mineira”. A sua representação visual, por exemplo, de cabelos compridos e barba, vestindo um camisolão à beira do cadafalso, foi pintada com o propósito de apresentá-lo como uma espécie de Jesus Cristo brasileiro, ou seja, o mártir de nossa Independência. Na verdade, ele jamais poderia se apresentar assim na hora da sua execução, já que, na época, como já frisado anteriormente, era obrigatório que todos os presos, sem exceção, tivessem a barba e as cabeças raspadas para impedir a proliferação de piolhos<sup>101</sup>.

Dessa forma, a partir de 1889, a figura de Tiradentes, que então estava relegada à obscuridade na história oficial brasileira renasceu das cinzas na condição de herói republicano, associando-se a sua imagem com a iconografia de Jesus Cristo – um apelo poderoso em um país de forte predominância católica – com barbas e cabelos compridos, ar sereno, vestindo uma túnica branca e sob a estrutura da forca que lembra a cruz no Calvário<sup>102</sup>.

E assim, o corpo repartido de Tiradentes arde até hoje, exposto nas estradas do tempo da nossa História, sangrando para que a liberdade seja lembrada todos os dias e em todas as horas, convidando-nos ao testemunho, à vigilância e ao exemplo<sup>103</sup>.

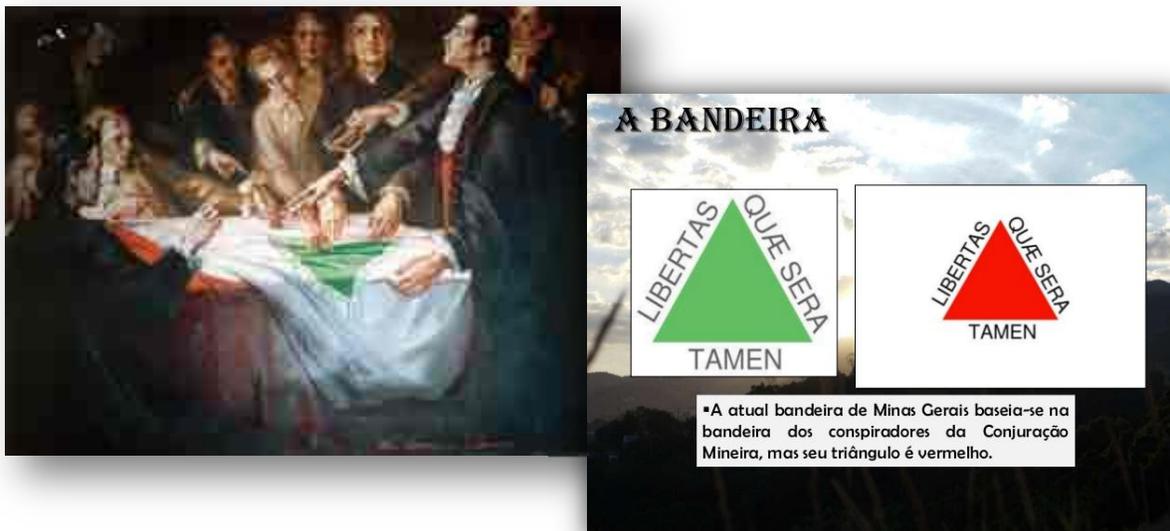
---

<sup>101</sup> RODRIGUES (2015, p.6-7).

<sup>102</sup> GOMES (2015, p.318).

<sup>103</sup> JUK (2015, p.19).

## **A BANDEIRA DOS INCONFIDENTES**



A Inconfidência de Minas Gerais tinha sido dirigida pela Maçonaria. Tiradentes e quase todos os outros conjurados eram “pedreiros-livres”<sup>104</sup>.

Naquela época, só por alguém ser maçom já era o bastante para que o considerassem criminoso. Jam mais ridiculamente além: era suficiente alguém ter livros escritos em francês ou possuir a “Constituição dos Estados Unidos”, para que contra ele se voltasse a sanha sanguinolenta dos policiais e dos juízes<sup>105</sup>.

A análise de um trecho de J. Norberto de Sousa Silva<sup>106</sup> confirma o parágrafo anterior à medida que:

*“A leitura das obras relativas à história da república americana e de suas leis tornou-se a base da acusação para os seus apaixonados, como o Dr. José Álvares Maciel e o cônego Luís Vieira da Silva. Tanta importância ligaram, os juízes, a essa espécie de leitura que a coleção das leis da nova república figura como corpo de delito nos autos da ‘Devassa’ inquirida na capitania de Minas Gerais”.*

<sup>104</sup> SANTOS (1868, p.253).

<sup>105</sup> D’ALBUQUERQUE (1972, p.16).

<sup>106</sup> SILVA (1948, p.144-145).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

E como enfatiza Tenório D’Albuquerque<sup>107</sup>, se ainda, ao mais incrédulo dos incrédulos restasse qualquer resquício de dúvida quanto à origem maçônica da “Inconfidência Mineira”, bastaria contemplar-lhe a Bandeira. É indiscutivelmente de inspiração maçônica.

Quanto à concepção da mesma, assim relata Gustavo Barroso<sup>108</sup>:

*[...] Em importante reunião na casa de Freire de Andrade, tomaram-se as últimas providências. Qual a bandeira da futura república? Tiradentes propôs, em campo branco, o triângulo maçônico, como significando as três pessoas da Santíssima Trindade. [...] Ao Triângulo judaico-maçônico-cabalístico, Alvarenga Peixoto acrescentou o mote:*

**“LIBERTAS QUAE SERA TAMEN”** (A liberdade, ainda que tardia).

O referido autor atribui a esse símbolo, pela significação literal, o atributo de um simples delta ou triângulo; pela significação figurada, denota o Equilíbrio e a Perfeição; e pela significação esotérica, simboliza a “Energia da Cabala”, a “Trindade Mística” e também “Deus na Teurgia”.

Na Maçonaria, de acordo com Tenório D’Albuquerque<sup>109</sup>, o Triângulo remeta à uma outra Trindade Sagrada: “**LIBERDADE, IGUALDADE e FRATERNIDADE**”, da mesma forma como cumpre ressaltar que, para os maçons, estas três palavras formam, quando juntas, uma espécie de Trindade Sagrada. Nos autos da inconfidência, o próprio Tiradentes explica-o como símbolo da Santíssima Trindade.

Quanto à legenda: “**LIBERTAS QUAE SERA TAMEN**” (A liberdade, ainda que tardia), foi proposto por Alvarenga Peixoto ao lembrar o início de um famoso verso do poeta renascentista Virgílio.

<sup>107</sup> D’ALBUQUERQUE (1972, p.130).

<sup>108</sup> BARROSO (1939, p.161).

<sup>109</sup> D’ALBUQUERQUE (1972, p.133).

## OS LEGADOS DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA

O principal legado deixado pelos inconfidentes foi o fato de que depois de trinta anos da execução de Tiradentes, Dom Pedro I, o herdeiro da Coroa Portuguesa – que o enforcara e esquartejara – proclamava a Independência do Brasil. Prova irrefutável de que os propósitos de Joaquim José da Silva Xavier haviam sido plantados em terra fértil e tinham frutificado. A semente não só proporcionou a conquista da nossa Independência, como deu um imenso passo adiante na marcha da humanidade, algo que lhe devemos, até hoje, por alguns dos benefícios que gozamos<sup>110</sup>.

Mas antes disso, no entanto, outros legados nos foram outorgados pelos inconfidentes...

Tinham-se extinguido as primeiras chamas da revolução, mas esta ainda continuava a arder, às surdas, ateadada por toda a parte pela Maçonaria<sup>111</sup>.

A execução de Tiradentes, apesar de seu aparato e requintes de crueldade, não arrefeceu o ânimo dos revolucionários.

Um ano após a mesma, no próprio Rio de Janeiro, José Bernardo Frade denunciava às autoridades a sobrevivência de uma “associação secreta” remanescente de 1786, dissolvida alguns anos antes. “*Nas suas reuniões*”, o denunciante alegava, “*os seus membros fazem sempre reflexões tendentes a fazer odiosas as monarquias, demonstrando uma grande paixão contra elas e uma forte inclinação às repúblicas, encarecendo a felicidade de que os povos gozam nas mesmas*”.

Na Bahia, por sua vez, as Lojas Maçônicas continuavam a prosperar, enfrentando a ira dos potentados. Tanto é que a historiografia aponta a data de 14 de julho de 1797, como a da fundação da Loja “Cavaleiros da Luz”; a data de 5 de

---

<sup>110</sup> FIGUEIREDO (2010, p.8).

<sup>111</sup> D'ALBUQUERQUE (1972, p.124).

julho de 1802 para a fundação, em Salvador da Loja “ Virtude e Razão”; o dia 30 de março de 1807 para a Loja “Virtude e Razão Restaurada” e 12 de setembro de 1813 para a Loja “União”, originada desta última.

Em Tijuco eram principalmente o Dr. José Vieira Couto e o seu irmão José Joaquim Vieira Couto os que mais alentavam o espírito de Independência, que se mantinha sempre em constante aumento, apesar de ter-se baldado a primeira tentativa, ou talvez por isso. José Joaquim Vieira Couto chegando a Lisboa, como procurador do povo de Tijuco, na qualidade de “pedreiro-livre”, achou-se em contato com muitos homens eminentes, e entre estes, o maçom e jornalista Hipólito José da Costa, com quem se relacionou mais estreitamente, sem dúvida pela homogeneidade de pensar e ardente espírito de patriotismo, que animava estes dois brasileiros. Hipólito é bastante conhecido no Brasil pelo muito que fez pela imprensa nacional e em prol da Independência, como redator do *Correio Brasiliense*<sup>112</sup>.

E, para encerrar esta parte, do Nordeste surgiu a enigmática figura do Dr. José de Sá Bittencourt, de família abastada, nascido em 1755 em Vila do Rio das Contas, sertão da Bahia, e que recebeu em Coimbra, o grau de bacharel em Ciências Naturais e visitou em 1777, a França e a Inglaterra. Nessa época prosperava a Maçonaria na França e a mesma aumentava exponencialmente o seu número de adeptos, inclusive ingressando muitos brasileiros. Assim, o Dr. Bittencourt se fez maçom.

Desarticulada a Inconfidência, avisado de que suspeitavam de que estivesse envolvido na conspiração, por ser amigo de Álvares Maciel e por estado na França e ser maçom, o Dr. Bittencourt saiu de Caeté, acompanhado de alguns familiares e, pelo interior de Minas, seguiu para o sertão baiano, para Vila das Contas onde residiam os seus progenitores.

---

<sup>112</sup> (SANTOS, 1868).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

De lá, sabendo que no Porto da Bahia estavam ancorados navios ingleses, franceses e espanhóis, dispôs-se a emigrar para os Estados Unidos<sup>113</sup>.

Mas antes de conseguir fugir, o Dr. Bittencourt foi denunciado e preso; e o fato comunicado ao capitão-general e ao governador da Bahia. De tal importância foi considerada a prisão do Dr. Bittencourt que durante a noite, cercado por mais de trezentos homens de tropa regular e auxiliar, o mesmo foi preso e conduzido à cadeia de Camamu.

De lá o transferiram para a capital da Bahia, onde entregue a uma escolta, sob vigilância do alferes Manuel Gonçalves da Cunha, veio para o Rio de Janeiro e foi encerrado em um dos segredos da cadeia da Relação.

Quando finalmente apresentou-se à justiça portuguesa, durante três dias consecutivos foi o Dr. Bittencourt inquirido, enquanto os demais levavam meses e meses. Álvares Maciel, o vigário Carlos Correia Toledo, o tenente-coronel Francisco de Paula e o sargento-mor Luís Vaz foram inquiridos sobre a sua cumplicidade.

O Juiz, embora considerasse frívola a sua defesa achou-o sem culpa e comunicou a sua opinião ao vice-rei. O Conde de Resende mandou pôr o Dr. Bittencourt em liberdade, julgando-o “limpo e puro”<sup>114</sup>.

Por tudo isto, questionamo-nos se, por acaso, teria sido o Dr. Bittencourt um emissário dos Inconfidentes junto aos baianos e aos pernambucanos que alentavam o sonho de liberdade? Prender-se-ia o seu desejo de embarcar para os Estados Unidos ao cumprimento de alguma missão junto ao governo norte-americano, com quem Da Maia e Álvares Maciel já haviam tido entendimentos prévios por intermédio de Thomas Jefferson, na conferência de Nimes? A sua ida à Bahia obedeceria ao propósito de seguir de lá para os Estados Unidos, tendo servido a

---

<sup>113</sup> SILVA (1948, p.91).

<sup>114</sup> D'ALBUQUERQUE (1972, p.205-206).

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

visita aos pais, apenas como um pretexto? E ainda, se seria possível que o Dr. Bittencourt pudesse ter sido o disseminador das ideias, ou se teria servido ele como um elemento de ligação entre os maçons de Minas Gerais e os da Bahia e Pernambuco, promovendo entre estes os ideais de liberdade e Independência que culminariam, posteriormente, tanto na “Conjuração Baiana” de 1798, como na “Revolução Pernambucana” de 1817?

Desvende mais sobre a “**Maçônica História do Brasil**” nos nossos próximos trabalhos...



Acesse outros trabalhos do autor:

<https://marsonalquati.wixsite.com/entrecolunas>

## **ANEXOS**

### **ANEXO 01 – CARTA DE JOAQUIM DA MAIA A JEFFERSON**

Tradução da carta de José Joaquim Da Maia para Thomas Jefferson, escrita originalmente em francês, na data de 16 de outubro de 1786.

*Eu nasci no Brasil. Vós não ignorais a terrível escravidão que faz gemer a nossa pátria. Cada dia se torna mais insuportável o nosso estado depois da vossa gloriosa Independência, porque os bárbaros portugueses, receosos de que o exemplo seja abraçado, nada omitem que possa fazer-nos mais infelizes. A convicção de que estes usurpadores só meditam novas opressões contra as leis da natureza e contra a humanidade tem-nos resolvido a seguir o farol que nos mostrais; a quebrar os grilhões; a reanimar a nossa moribunda liberdade, quase de toda acabrunhada pela força, único esteio da autoridade dos europeus nas regiões da América. Releva, porém, que alguma potência preste auxílio aos brasileiros, pois que a Espanha certamente se há de unir com Portugal; e apesar de nossas vantagens em guerra defensiva, não poderíamos, contudo, levar a sós a efeito essa defesa, ou pelo menos seria imprudência tentá-lo, sem alguma esperança de bom êxito. Neste estado de coisas olhamos, e com razão, somente para os Estados Unidos, porque seguiríamos o seu exemplo; e porque a natureza, fazendo-nos habitantes do mesmo continente, como que nos ligou pelas relações de uma pátria comum. De nossa parte estamos preparados a dispensar os dinheiros necessários e a reconhecer em todo o tempo a obrigação em que ficaremos com os nossos benfeitores. Tenho-vos exposto, em poucas palavras, a suma do meu plano. Foi para dar-lhe andamento que vim à França, pois que na América teria sido impossível mover um passo e não suscitar desconfiança. A vós pertence agora decidir se pode executar-se a empresa. Se quereis consultar a vossa nação, estou pronto a oferecer-vos todos os esclarecimentos precisos.*

---

**OBS.** As três cartas de José Joaquim Da Maia a Thomas Jefferson foram escritas e respondidas em francês. Há cópias autênticas delas na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional. As cópias vieram dos Estados Unidos, conforme declaração no seu início que diz o seguinte:

*Department of State, Bureau of Rolls and Library, Washington, April 11, 1883.*

*I certify that the papers herets attached, viz: A letter to Th. Jefferson from one 'Wendek', dated October 16, 1786 – Ditto, dated November 2, 1786 – Ditto dated January 5, 1787; and A Letter from Th. Jefferson to monsieur Wendek, dated Paris Dec. 26, 1786 – are true copies, made from their originals in the files of this Department.*

*Theodore F. Dwight – Chief of Bureau of Rolls and Library.*

## **BIBLIOGRAFIA**

AGUIAR, Antônio Augusto. ***Vida do Marquês de Barbacena***. Rio de Janeiro, RJ: Imprensa Nacional, 1896.

BARRETO, Jorge Muniz. ***A Maçonaria Respondendo aos Desejos dos Brasileiros e Culminando com a Independência do Brasil***. Florianópolis, SC: Informativo JB News – Informativo Diário de nº 1807. Disponível em: < [http://www.jbnews33.com.br/informativos/jb\\_news-informativo\\_nr\\_1807.pdf](http://www.jbnews33.com.br/informativos/jb_news-informativo_nr_1807.pdf) >. Acessado em 18/10/2015.

BARROSO, Gustavo. ***História Secreta do Brasil***. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 1939.

CALMON, Pedro. ***A Vida de D. Pedro I, Rei Cavaleiro***. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 1941.

CALMON, Pedro. ***História Social do Brasil***. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 1941.

D'ALBUQUERQUE, Arci Tenório. ***A Maçonaria e a Inconfidência Mineira***. 3ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Aurora, 1972.

FAGUNDES, Morivalde Calvet. ***A Maçonaria e as Forças Secretas da Revolução***. 2ª edição. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Aurora, 1975.

FAGUNDES, Morivalde Calvet. Subsídios para a História da Literatura Maçônica Brasileira do Séc. XIX. Caxias do Sul, RS: Educs, 1989.

FIGUEIREDO, Eduardo. ***Tiradentes: Um Maçom, Ainda Que Tardio***. Blog Verdadeiros Irmãos. Disponível em: < <http://www.verdadeirosirmaos.blogspot.com.br/2010/04/tiradentes-um-macom-ainda-que-tardio> > Acessado em: 23/08/2015.

GOMES, Manoel. ***A Maçonaria na História do Brasil***. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Aurora, 1975.

JUK, Pedro. ***Alferes José Joaquim da Silva Xavier – Tiradentes – Mártir da Independência***. Florianópolis, SC: Informativo JB News – Informativo Diário de nº 1665. Disponível em: < [http://www.jbnews33.com.br/informativos/jb\\_news-informativo\\_nr\\_1665.pdf](http://www.jbnews33.com.br/informativos/jb_news-informativo_nr_1665.pdf) >. Acessado em 15/05/2015.

LIMA, Augusto de... Júnior. ***Pequena História da Inconfidência***. Belo Horizonte, MG: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1955.

**A MAÇÔNICA INCONFIDÊNCIA MINEIRA**

LOBATO, Ivaldo Gonçalves. **História da Loja Comércio e Artes – Primaz do Brasil**. Florianópolis, SC: Inf. JB News – Inform. nº 1872. Disponível em: < [http://www.jbnews33.com.br/informativos/jb\\_news-informativo\\_nr\\_1872.pdf](http://www.jbnews33.com.br/informativos/jb_news-informativo_nr_1872.pdf) >. Acessado em 15/11/2015.

MELO, Mário. **A Maçonaria e a Revolução Republicana de 1817**. Recife, PE: Imprensa Industrial, 1912.

RODRIGUES, João Anatalino. **Tiradentes: O Bode de Coração Valente**. Florianópolis, SC: JB News – Inf. nº 1670. Disponível em: < [http://www.jbnews33.com.br/informativos/jb\\_news-informativo\\_nr\\_1670.pdf](http://www.jbnews33.com.br/informativos/jb_news-informativo_nr_1670.pdf) >. Acesso em: 16/06/2015.

SANTOS, Joaquim Felício dos. **Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Serro Frio**. 2ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Tipografia Americana, 1868.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. **História da Conjuração Mineira**. 2 volumes. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Nacional do Livro, 1948.

SPOLADORE, Hércule. **O Areópago de Itambé e sua Influência nas Revoluções Brasileiras**. Florianópolis, SC: in: Informativo JB News - Informativo nº 1837. Disponível em: < [http://www.jbnews33.com.br/informativos/jb\\_news-informativo\\_nr\\_1837.pdf](http://www.jbnews33.com.br/informativos/jb_news-informativo_nr_1837.pdf) >. Acessado em: 15/10/2015.

SPOLADORE, Hércule. **A República: Como Foi Proclamada**. Florianópolis, SC: Informativo JB News – Inform. nº 1615. Disponível: < [http://www.jbnews33.com.br/informativos/jb\\_news-informativo\\_nr\\_1615.pdf](http://www.jbnews33.com.br/informativos/jb_news-informativo_nr_1615.pdf) >. Acessado em: 15/03/2015.

TORRES, Antônio. **As Razões da Inconfidência**. Rio de Janeiro – RJ: Livraria A. J. Castilho, 1925.

VAINFAS, Ronaldo (organizador). **Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808)**. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2001.